



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

GÉSICA SUELLEN SOBRINHO COSTA

CINDERELA SURDA: UM ESTUDO SOBRE A COESÃO
TEXTUAL EM ESCRITA DE SINAIS - *SIGNWRITING*

Florianópolis
2018

GÉSSICA SUELLEN SOBRINHO COSTA

**CINDERELA SURDA, UM ESTUDO SOBRE A COESÃO
TEXTUAL EM ESCRITA DE SINAIS - *SIGNWRITING***

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marianne Rossi Stumpf

Co-Orientadora: Prof.^a Dr.^a Carla Damasceno de Moraes.

Linha de Pesquisa: Língua Brasileira de Sinais

Florianópolis
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Costa, Gésica Suellen Sobrinho

CINDERELA SURDA: UM ESTUDO SOBRE A COESÃO TEXTUAL EM ESCRITA DE SINAIS - SIGNWRITING / Gésica Suellen Sobrinho Costa ; orientadora, Marianne Rossi Stumpf, coorientador, Carla Damasceno de Morais, 2018.

124 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2018.

Inclui referências.

1. Linguística. 2. Cinderela Surda. 3. Escrita de Sinais. 4. Coesão Textual. 5. Literatura Surda. I. Stumpf, Marianne Rossi. II. Morais, Carla Damasceno de . III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística. IV. Título.

Gésica Suellen Sobrinho Costa

**CINDERELA SURDA: UM ESTUDO SOBRE A COESÃO
TEXTUAL EM ESCRITA DE SINAIS - *SIGNWRITING***

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de Mestre em Linguística, área de concentração Linguística Aplicada, e aprovado em sua forma final pelo programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Santa Catarina.

Florianópolis, 24 de setembro de 2018.

Prof. Atilio Butturi Junior, Dr.
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Linguística

Banca Examinadora:

Prof.^a Marianne Rossi Stumpf, Dr.^a
Orientadora e presidente
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC/PPGL

Prof.^a Carla Damasceno de Moraes, Dr.^a
Co-orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC/PGET

Prof.^a Karin Lilian Strobel, Dr.^a
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC/DLSB

Prof.^a Débora Campos Wanderley, Dr.^a
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC/DLSB

Prof.^a Edneia de Oliveira Alves, Dr.^a
Universidade Federal da Paraíba - UFPB/PPGL

“Para Davi, o melhor fruto de todas
as coesões de minha vida.”
Inspirada por Irandé Antunes

AGRADECIMENTOS

Dedico esse trabalho especialmente ao meu filho Davi, meu maior presente de Deus, que no momento mais difícil, na realização da dissertação, estivemos distantes, porém unidos pelo laço materno, onde encontrei conforto para repousar minha mente, meu coração e me lavar de minhas preocupações.

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado forças e sabedoria para superar as dificuldades encontradas durante o percurso que trilhei, na execução desse trabalho, e ter me ajudado a alcançar as metas que tracei até aqui.

Agradeço a minha família, que me apoiou durante toda a minha vida. Minha mãe Áurea, exemplo de vida, que me ajudou a cuidar do meu filho enquanto estive distante. Orientou-me em minhas escolhas, me auxiliou nos afazeres escolares desde a infância. Meu pai Nilson, que com sua generosidade me trouxe inspirações durante toda a minha vida, não somente durante a realização desse trabalho. Minha Avó Alzira, pelas preces/orações concedidas e por me ensinar que ter fé é tão importante quanto as minhas ações. Minha Irmã Samara, por me apoiar em minhas escolhas, ser companheira, amável e compreensiva.

Meu namorado Franklin, por todo apoio e motivação, pela paciência, companheirismo, por estar ao meu lado durante os momentos felizes e difíceis também, por compreender a importância dos meus sonhos e por somar a minha vida e do nosso filho, momentos de lazer, amor e alegria.

Meus amigos de Goiânia/GO e Palmas/TO, por compreender minha ausência enquanto estive ocupada, estudando fora, e procurando manter contato para preservar a intensidade das relações.

Minha orientadora Marianne Rossi Stumpf, por me conduzir pelos caminhos do conhecimento, por acreditar e desenvolver meus potenciais enquanto orientanda, por me acompanhar e se dispor a ajudar quando mais precisei.

Minha co-orientadora Carla Damasceno de Moraes, pelo tempo dedicado, pela pessoa maravilhosa que é, por se prontificar a me ajudar, me co-orientar nas urgências desse trabalho, me instruir e aprimorar os textos e as leituras, as partes que compõem essa dissertação.

Os professores Ronice Muller de Quadros, David Quinto – Pozos, Núbia Saraiva Ferreira, Fábio Luiz Lopes da Silva, Aline Lemos Pizzio, Marianne Rossi Stumpf, Audrei Gesser, Ana Paula de Oliveira Santana, Heronides Murílio Melo Moura, pelos ensinamentos nas disciplinas do Mestrado.

As intérpretes de Libras, Camila Neves Petrópulos da Luz, Gizelle Fagá, Letícia Regiane da Silva Tobal, Damaris Aline Vidal Oliveira, Gisele Ianda Pessini Anater Matos e Viviane Barazzutti, pela disposição e por me acompanhar quando precisei, demonstrando atenção e carisma.

O Secretário do Programa de Pós-Graduação em Linguística, Lucas Rovaris Cidade, pelo apoio, pela atenção e pelo auxílio durante os procedimentos administrativos do curso.

Os amigos de curso, Mirian Royer, Leonardo Padilha, Charley Soares, Isaac Figueiredo, Bianca Sena, Raniere Cordeiro, Luana Marquezi, Rose, Carilissa Dall'Alba, Danielle Miki Bólozi, Daltro Junior, pelos momentos vividos juntos, as brincadeiras, o companheirismo e a troca de conhecimentos.

Os amigos conterrâneos Thais Fleury, Gabriela Otaviani, Paulo Henru, por ajudar a manter e resgatar os costumes de nossa região, trazendo conforto e por fazer me sentir em casa.

Pelo acolhimento, os novos amigos, os lugares que visitei, pela magia da ilha, por Florianópolis me proporcionar momentos fantásticos e inesquecíveis em minha vida. A Universidade Federal de Santa Catarina, por me abraçar e trazer novas experiências, por ser pólo de formação para Surdos.

A professora/doutora Márcia Melo, intérprete e amiga Kely Melo e sua filha Alice, por me receberem em sua casa e reservar um tempo para me ajudar, me instruir na correção de algumas

partes e trechos. Sem vocês eu não conseguiria chegar onde cheguei.

O amigo e companheiro de trabalho, Bruno Carneiro Gonçalves, por ter me recebido em sua casa durante a finalização do meu trabalho, pela paciência ao lidar com minhas dúvidas, por me auxiliar na correção e adaptação dos textos, mesmo sendo muito cansativo. Sem você eu não teria conseguido concluir com tanta precisão esse trabalho.

A todos os envolvidos na ausência temporária do meu trabalho, a Universidade Federal do Tocantins, especialmente o Diretor George França, professores, técnicos administrativos do curso de Letras/Libras e a todos que torceram pelo meu sucesso enquanto aguardam o meu retorno ao trabalho na Universidade.

As professoras Edneia Alves e Débora Campos Wanderley, por participarem da banca de qualificação e defesa de minha dissertação, pela atenção dada nessas etapas, pelas correções, sugestões e toda explicação que precisei para dar continuidade. A professora Karin Strobel, por participar da banca de defesa e por suas considerações.

O professor Carlos Ludwig, pelo auxílio e cuidado na tradução do resumo para o texto de língua estrangeira (Inglês).

O amigo, irmão de coração e companheiro de trabalho, Renato Leão, por me acompanhar em partes da composição desse trabalho e pelo auxílio prestado na tradução do resumo para o *SignWriting*.

Sinto-me imensamente grata por ter tido a participação de cada um de vocês nesse processo. Saibam o quão difícil foi para eu lidar com as adversidades desse caminho. E de nada vale o sucesso, as vitórias adquiridas, as glórias obtidas se não há com quem compartilhar. Meu filho, minha família, amigos, professores, e acima de tudo, Deus, todos vocês demonstraram que, quando eu mais precisei, tive com quem contar. Nessa corrida contra o tempo, vocês são o meu maior troféu.

RESUMO

O objetivo dessa pesquisa é analisar o texto em Escrita de Sinais (sistema *SignWriting*) da obra Cinderela Surda (HESSEL; KARNOPP; ROSA, 2003) no que se refere a coesão textual. Especificamente, identificamos as estratégias de referenciar personagens no texto e de conexão entre trechos relevantes da narrativa. Para fundamentação teórica, baseamos em Koch e Travaglia (2001), Fávero (2002) e Marcuschi (2008) sobre coesão e coerência textual, em Bolgueroni e Viotti (2013) sobre referência nominal em Libras, e em Nobre (2011) e Barreto e Barreto (2013) sobre a produção textual em Escrita de Sinais. A partir da análise da obra, observamos que a retomada de referentes acontece através de (i) proformas, em pronomes, advérbio e numeral, (ii) elipse, em verbos simples e em verbos de concordância, (iii) conjunção, por exemplo, os sinais MAS, e PORQUE, e (iv) reinteração. Identificamos a relevância dos sinais SUSTO e ACONTECE, como elementos importantes a introduzir momentos relevantes da trama, e a ausência de sinais que denotam sequencialidade temporal. A segmentação e sequencialidade de trechos da obra acontece em boa parte através do uso de imagens (elementos extratextuais). Este trabalho é oportuno porque possibilita um maior conhecimento sobre a produção textual em Escrita de Sinais, no que se refere a coesão em *SignWriting*, que encontra-se em expansão no Brasil

Palavras-chave: Escrita de Sinais. Coesão textual. Literatura Surda.

ABSTRACT

This research aims at analyzing the work Cinderela Surda (Deaf Cinderella) in Sign Writing (using Sign Writing system) (HESSEL; KARNOPP; ROSA, 2003), in terms of cohesion. Specifically, we identify the strategies to reference the characters in the text and the connection among relevant parts of the narrative. For the theoretical assumptions, we base our discussion on Koch and Travaglia (2001), Fávero (2002) and Marcuschi (2008), who discuss cohesion and coherence; Bolgueroni and Viotti (2013), who discuss nominal reference in Brazilian Sign Language; and Nobre (2011) and Barreto and Barreto (2013), who discuss text composition in Sign Writing. Parting from the analysis of the work, we observe that the reiteration of referents happens through: (i) proforms, in pronouns, adverbial numbers; (ii) ellipsis, in simple verbs and agreement verbs; (iii) conjunctions, for example, the signs BUT, and BECAUSE; and (iv) reintegration. We identify the relevance of the signs FRIGHT and HAPPEN, as important elements to introduce relevant moments in the plot, and the absence of signs which denote temporal sequentiality. The segmentation and sequentiality of some parts of the work happen mainly in the use of images (extratextual elements). This work is important because it enables greater knowledge on textual composition in Sign Writing, regarding cohesion in Sign Writing, which is expanding nowadays in Brazil.

Keywords: Sign Writing. Textual Cohesion. Deaf Literature.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Capa do livro Cinderela Surda.....	46
Figura 2 - Poeta Surdo	49
Figura 3 - Poetiza Surda	49
Figura 4 - Configurações Básicas de mãos da Escrita de Sinais	55
Figura 5 - Ortografia sobre a localização dos símbolos de contato	59
Figura 6 - Flexibilidade quanto ao uso de diferentes grafias para a mesma configuração de mão.....	59
Figura 7 - Símbolo de contato abaixo do símbolo da Configuração de mão, caso toque o centro do peito	60
Figura 8 - Símbolo linha grossa, para representar o ombro	60
Figura 9 - Posição dos símbolos quando as mãos realizam movimento alternado.....	60
Figura 10 - Escrita na vertical, em colunas	61
Figura 11 - Escrita de classificadores e o uso do sinal de tensão	61
Figura 12 - Imagem da primeira parte da história.....	96
Figura 13 - Sinal SUSTO e ACONTECER que introduz um fato novo, inesperado.....	98
Figura 14 - Enumeração das personagens IRMÃ 1, IRMÃ 2 e MADRASTA.....	99
Figura 15 - Sinal ENSINAR	99
Figura 16 - Sinal BONITO	100
Figura 17 - Sinal QUASE	100
Figura 18 - Sinal DAR (sem coesão)	101
Figura 19 - Sinal IR (sem coesão)	101

LISTA DOS QUADROS

Quadro 1 - Livros literários produzidos com sistema de <i>SignWriting</i>	44
Quadro 2 - Trechos da história Cinderela Surda	97

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	21
1.1 UM POUCO DE MINHA HISTÓRIA E DA TRAJETÓRIA DE PESQUISA	21
1.2 OBJETIVO GERAL	27
1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	27
1.4 JUSTIFICATIVA	27
1.5 CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA	30
2 REFLEXÕES SOBRE AS LITERATURAS	33
2.1 LITERATURA GERAL	33
2.2 LITERATURA SURDA E LITERATURA VISUAL	34
2.3 ESTRUTURA BÁSICA DA ESCRITA E ORTOGRAFIA EM <i>SIGNWRITING</i>	51
3 CONTEXTO LINGUÍSTICO DE LIBRAS E LINGUÍSTICA TEXTUAL	62
3.1 LINGUÍSTICA APLICADA E A PRODUÇÃO TEXTUAL DE LIVROS INFANTIS DA LITERATURA SURDA	62
3.2 COESÃO E COERÊNCIA TEXTUAL	67
3.3 REFERÊNCIA TEXTUAL EM LIBRAS	72
4 PERCURSO METODOLÓGICO	75
5 ANÁLISE DOS DADOS	77
5.1 REFERENCIAÇÃO POR PRÓ-FORMAS	77
5.2 REFERENCIAÇÃO POR ELIPSE	80
5.3 REFERENCIAÇÃO POR CONJUNÇÃO	88
5.4 REFERENCIAÇÃO POR REITERAÇÃO	93
5.5 COESÃO SEQUENCIAL DO TEXTO	96
5.6 O ESPAÇO DE SINALIZAÇÃO	98
5.7 ORTOGRAFIA EM SIGN WRITING E COESÃO TEXTUAL	99
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
REFERÊNCIAS	107
ANEXOS	113

1 INTRODUÇÃO

“Só é lutador quem sabe lutar consigo mesmo”.
Carlos Drummond de Andrade

1.1 UM POUCO DE MINHA HISTÓRIA E DA TRAJETÓRIA DE PESQUISA

Eu nasci surda profunda, na cidade de Goiânia-GO e cresci em Campestre-GO, com meus pais e uma irmã mais nova, sendo todos ouvintes. Provavelmente, sou a primeira surda da família. O diagnóstico da surdez aconteceu quando eu tinha 2 (dois) anos de idade, sem causa conhecida. Diante desse fato, meus pais fizeram um primeiro contato com uma instituição chamada Vila São Cottolengo¹, preocupados com minha escolarização. Esta escola é referência em âmbito nacional por suas iniciativas na área de Educação Especial. A Vila São Cottolengo, localizada no município de Trindade - GO, é uma instituição pública que atende pessoas com deficiência e atua, a partir de seus objetivos, tanto na atenção à saúde de seus alunos quanto na educação. Somente em 1995, meus pais conseguiram que eu fosse admitida nessa escola, aos sete anos de idade. Lá, tive a oportunidade de encontrar meus pares surdos.

O desenvolvimento e a aprendizagem do aluno surdo perpassam pela língua de sinais. Além disso, os surdos têm o direito de se expressar em sua primeira língua, algo fundamental para escolarização dos surdos. Contudo, somente anos mais tarde, quando eu tinha 14 (catorze) anos, esse direito foi amparado por lei, garantindo que a Libras circule em diversos espaços e seja adotada como língua de instrução nas práticas de ensino. Durante meu período de escolarização, muito compartilhei da língua de sinais com colegas surdos. Mas, com os professores ouvintes, a forma de comunicação era através do uso do português escrito e comunicação bimodal. Na educação infantil, lembro vagamente que aprendíamos os sinais da Libras e as palavras da língua portuguesa. Na época não havia

¹A escola Vila São Cottolengo é uma instituição educacional que atende pessoas com deficiência em Trindade-GO e ainda funciona nos dias atuais. Mais informações sobre a escola, acesse o link: <http://www.cottolengo.org.br/>.

qualquer discussão robusta sobre escrita de sinais, nem mesmo escola bilíngue para surdos. Conforme mencionado, ainda não tínhamos a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002², que reconhece a Libras como língua dos surdos no Brasil. As informações sobre língua de sinais, identidades e cultura surda aos pais ouvintes e às escolas, de modo geral, eram poucas. Da mesma forma, as pesquisas na área de linguística de línguas de sinais e educação de surdos ainda eram incipientes no Brasil.

O fato de eu ser filha de professora foi um diferencial. Minha mãe é pedagoga, trabalha na educação fundamental e ainda exerce a profissão nos dias de hoje. Ela sempre me ensinou a ler e escrever em língua portuguesa, mas, não teve uma preocupação com a Libras, afinal, não circulava informações sobre o assunto. A comunicação dentro de casa, com meus pais, irmã e demais familiares, acontece ainda hoje, através de oralização mesclado com o uso de sinais.

À medida que fui crescendo e, naturalmente, ampliando a minha rede de contato (com surdos e ouvintes), notei que o mundo é composto de diferenças. Aos poucos fui compreendendo o que é a diferença surda. E é a partir dessa diferença que hoje me constituo e me narro. Nas palavras de Perlin e Miranda,

[...] estamos olhando de dentro do ser surdo, pois também somos surdos, queremos destacar aqui a diferença de ser surdo na temporalidade e na espacialidade em que inventamos ser surdos acolhendo a narrativa das identidades essenciais de ser (PERLIN; MIRANDA, 2003, p. 219).

Por muito tempo desconhecia sobre o universo da diferença surda. Eu, surda, não sabia o que é ser surdo. Apesar de todos os anos do ensino fundamental e médio estudar em escola pública com a presença de intérprete de Libras³, ainda

² A Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002 reconhece a Libras enquanto língua brasileira. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm>.

³ A atuação do tradutor e intérprete de Libras e Língua Portuguesa é reconhecida no Brasil pela Lei nº 12.319 de 1º de setembro de 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-

assim, não tinha conhecimento das questões linguísticas e culturais que permeiam os surdos. Da mesma forma, escapava-me o mínimo de conhecimento sobre educação de surdos, minoria linguística e os aspectos profissionais e éticos que norteiam o trabalho de tradução e interpretação envolvendo a Libras e a língua portuguesa.

Após finalizar o Ensino Médio, no período oportuno de cursar uma faculdade, eu tive o privilégio de encontrar um amigo surdo que me informou, durante uma breve conversa, sobre o curso de Letras Libras na modalidade de Ensino à Distância da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Na época, a UFSC havia feito uma parceria para oferta deste curso com outras 15 (quinze) instituições, abrangendo as 5 (cinco) regiões do Brasil. Uma das instituições parceiras nesta empreitada foi o Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG), antigo CEFET/GO, na cidade de Goiânia-GO. Desse encontro fortuito, surgiu um grande interesse sobre o assunto. Realizei minha inscrição no processo seletivo, fiz a prova do vestibular e obtive a aprovação. Iniciei os estudos no curso de Letras Libras Licenciatura da UFSC, no pólo de Goiânia, no ano de 2008.

Ingressar no curso de Letras Libras foi um divisor de águas em minha vida. Cursar essa faculdade promoveu uma mudança de caminhos. O cotidiano da graduação me proporcionou experiências fantásticas sobre o ser surdo e sou muito grata a tudo isso. Agradeço ao incentivo e suporte que a comunidade surda me proporcionou durante meu processo de formação e por fazer dele um momento gratificante.

No último ano do curso de Letras Libras, resolvi ingressar em um curso de Pós-Graduação *latu sensu* em Docência do Ensino Superior, considerando meu interesse em trabalhar com o ensino de Libras na universidade. Após a conclusão do curso, ou seja, graduada em Letras Libras e com o título de especialista em Docência no Ensino Superior, participei de um processo seletivo para professor substituto na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG), no ano de 2013. Fui

2010/2010/lei/112319.htm>. A presença do intérprete de Libras para acessibilidade dos surdos brasileiros é garantida em outros documentos legais, como o Decreto nº 5.626/05, o Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.145/15) e o Plano Nacional de Educação (Lei nº 13.005/14).

aprovada e durante este ano, trabalhei como professora no curso de Letras Libras da instituição. Na mesma época, surgiu a oportunidade de participar de um concurso para professor efetivo no curso de Letras Libras da Universidade Federal do Tocantins⁴, Campus de Porto Nacional, no ano de 2014. Fui aprovada e hoje componho o quadro de professores do referido curso, que teve início no ano de 2015, primeiro semestre. Hoje, o corpo docente do Letras/Libras é composto por 17 (dezesete) professores, sendo 9 (nove) professores surdos e 8 (oito) professores ouvintes. A UFT conta com mais 3 (três) professores surdos em outros campi, totalizando 12 (doze) professores surdos. Atualmente o curso de Letras Libras da UFT possui 4 (quatro) turmas em andamento e conta com 38 (trinta e oito) alunos surdos matriculados, com previsão de formatura da primeira turma em 2018, segundo semestre. Neste período, atuei na graduação em Letras Libras com alunos surdos e ouvintes na mesma sala de aula, o que me proporcionou desafios, experiências enriquecedoras e me incitou ideias para pesquisas futuras.

Enquanto professora, fui percebendo a necessidade de mais pesquisas sobre a linguística da Libras. Isso me motivou a participar do processo seletivo do curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC, por saber que esta instituição é referência nesta área de conhecimento no Brasil. Em 2016, candidatei-me no processo seletivo e fui aprovada no Programa. Inicialmente, meu projeto de pesquisa foi discutir sobre a relevância da escrita de sinais no registro e na circulação da cultura surda, tendo como foco principal a produção de gibis. Sob a orientação da prof^a. Dra. Marianne Rossi Stumpf, iniciamos nossos estudos buscando uma proposta que levasse em conta o sistema de escrita de sinais como prática social, que pudesse registrar produções surdas, ao longo de sua história. Para tanto, baseamo-nos em Stumpf (2005) ao afirmar que a cultura surda está minimamente registrada em língua de sinais. Há produções surdas ao longo da história que, para serem registradas, precisaram passar por tradução para uma

⁴Informações sobre o curso de Letras Libras da Universidade Federal do Tocantins estão disponíveis em:

<<http://ww2.uft.edu.br/index.php/ensino/graduacao/cursos/149-ensino/cursos-de-graduacao/15641-letras-libras-porto-nacional>>.

língua oral. Nesse processo, claro, há elementos que se perdem. Desse modo, o uso efetivo de uma escrita possibilita a emergência de uma nova cultura surda: cultura surda escrita. A partir dessa motivação, meu objeto de estudo começou a se definir.

Após ter contato com o trabalho de Dallan (2015), intitulado *Era uma vez uma Cinderela Surda: uma análise da releitura do clássico, em escrita de sinais*, que apresenta uma análise do livro bilíngue (Libras/Língua Portuguesa) “Cinderela Surda”, uma nova proposta de minha pesquisa começa a ganhar corpo. O autor faz uma análise da obra e compara as versões oferecidas em Língua Portuguesa e em Língua de Sinais, levantando as especificidades da estrutura textual. Segundo Dallan (2015), as duas línguas que compõem a versão da obra reproduzem o efeito de sentido dentro da narrativa. Contudo, alguns apagamentos podem ser percebidos na tradução de uma língua para a outra. Durante a análise, foi percebido omissões no processo de tradução, evidenciado no próprio léxico. Esses apagamentos, muitas vezes, podem causar dificuldades na leitura e, conseqüentemente, no sentido do texto. Conforme a autora,

[...] o fato de existir uma versão em Escrita de Língua de Sinais chamou muito nossa atenção: primeiro por se tratar do primeiro exemplar impresso em papel, com escrita bilíngue (Libras/Língua Portuguesa) no país; segundo porque ao entramos em contato com o livro, percebemos de imediato que o conteúdo textual da história em Língua Portuguesa apresentava diferenças significativas em relação ao que foi escrito em língua de sinais. Isso nos causou certa estranheza quanto aos objetivos da publicação, pois seus autores afirmam, nas línguas iniciais: “Utilizamos a escrita dos sinais pelos surdos (SOARES DALLAN, 2015, p. 357).

Com o acesso a esta análise, fiquei provocada a aprofundar sobre as especificidades de organização textual em escrita de sinais, o que me ajudou a verticalizar o tema de minha

pesquisa. Me interessei pelo assunto e veio a proposta de que poderia promover uma análise sobre a estrutura do texto, mas com perspectiva diferente, com foco na coesão textual em escrita de sinais. Dessa forma, esta pesquisa envolve a análise da obra *Cinderela surda*, dos autores Carolina Hessel, Lodenir Karnopp e Fabiano Rosa (2003), publicado pela Editora da Ulbra, 1ª edição. Assim, produzindo conhecimento sobre coesão textual em escrita de sinais, esta pesquisa, de alguma forma, contribui para uma maior reflexão sobre práticas sociais envolvendo a escrita de sinais e também sobre o registro da cultura surda.

A escrita de sinais é muito importante para nós, porque é a forma própria de escrever a língua de sinais. A comunidade surda que utiliza a língua de sinais merece ter também a sua escrita. Da mesma forma, as crianças devem escrever os sinais uma vez que usam a língua de sinais. A escrita de sinais apresenta todas as possibilidades de registro de qualquer outra forma escrita. Nós podemos escrever em sinais produções literárias, dramatizações, histórias infantis, poesias, piadas e também registrar nossa própria história (STUMPF, [s. d], p. 14).

Em relação à inserção de um sistema de escrita de sinais na comunidade surda, nós surdos defendemos a possibilidade de escrevermos em nossa própria língua. Crianças surdas têm o direito de aprender a escrita de sinais, visto ser a escrita de sua língua. Hoje o Brasil apresenta uma demanda legal que assegura uma educação bilíngue em Libras (como primeira língua) e em português escrito, (como segunda língua). A inserção de um sistema de escrita de sinais, neste processo, é fundamental. O sistema *SignWriting*, a exemplo, permite a representação gráfica dos parâmetros e do comportamento espacial que constituem uma língua de sinais.

A mesma lei que reconhece a Libras, em seu artigo 1º, assegura que “é reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais – Libras e **outros recursos de expressão a ela associados**”⁵. Esse trecho grifado

⁵ Grifo da autora.

também reconhece os sistemas de escrita de sinais como meios de expressão da Libras. Dessa forma somos provocados a pensar ações, produtos e serviços a partir da escrita de sinais. Conforme mencionado anteriormente, esta pesquisa é uma contribuição neste sentido, pois envolve a análise sobre a coesão textual do conteúdo em escrita de sinais disponível ao leitor na obra Cinderela Surda.

1.2 OBJETIVO GERAL

A presente pesquisa tem por objetivo analisar aspectos sobre coesão textual em Escrita de Sinais – *SignWriting*, na obra Cinderela Surda.

1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

A presente pesquisa tem por objetivos específicos:

- Identificar as estratégias de introdução e retomada de personagens no texto, ou seja, de que forma acontece a coesão referencial;
- Identificar de que forma acontece uma coerência linguística que conferem uma unidade textual global;
- Identificar elementos da ortografia da escrita de sinais relacionados a coesão textual.

1.4 JUSTIFICATIVA

A perspectiva bilíngue na educação de surdos está garantida através do Decreto nº 5626/05, do Plano Nacional de Educação (Lei nº 13005/15) e do Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13145/15). Neste contexto, pensar em educação para surdos nos alerta para a necessidade de se utilizar teorias específicas que envolvam o ensino e aprendizado da Libras como primeira língua. O ensino da Libras para fins de atender uma proposta bilíngue, encaixa-se com a responsabilidade de promover habilidades de uso da língua, para que os surdos atuem em diferentes contextos sociais e exerçam sua cidadania.

Conforme mencionado, a garantia de uma educação bilíngue para surdos está contemplada no Plano Nacional de Educação (PNE), sancionado pela Lei 13.005/2014. Isso significa dizer que a formação de professores bilíngues para atuarem na

educação infantil e ensino fundamental está amparada e irá contribuir para efetivar um processo de aprendizagem em Libras, bem como garantir que crianças surdas sejam alfabetizadas em sua primeira língua, a Libras, e em segunda língua, o português.

A seguir, apresentamos alguns recortes do Plano Nacional de Educação que tratam sobre a educação bilíngue para surdos, presente na Lei nº 13.005 de 25 de junho de 2014.

1.11) priorizar o acesso à educação infantil e fomentar a oferta do atendimento educacional especializado complementar e suplementar aos (às) alunos (as) com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, assegurando a educação bilíngue para crianças surdas e a transversalidade da educação especial nessa etapa da educação básica (p. 3);

4.7) garantir a oferta de educação bilíngue, em Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS como primeira língua e na modalidade escrita da Língua Portuguesa como segunda língua, aos (às) alunos (as) surdos e com deficiência auditiva de 0 (zero) a 17 (dezesete) anos, em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas, nos termos do art. 22 do Decreto no 5.626, de 22 de dezembro de 2005, e dos arts. 24 e 30 da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, bem como a adoção do Sistema Braille de leitura para cegos e surdos-cegos (p. 5);

4.13) apoiar a ampliação das equipes de profissionais da educação para atender à demanda do processo de escolarização dos (das) estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, garantindo a oferta de professores (as) do atendimento educacional especializado, profissionais de apoio ou auxiliares, tradutores (as) e intérpretes de Libras, guias-intérpretes para surdos-cegos, professores

de Libras, prioritariamente surdos, e professores bilíngues; (p. 6);
5.7) apoiar a alfabetização das pessoas com deficiência, considerando as suas especificidades, inclusive a alfabetização bilíngue de pessoas surdas, sem estabelecimento de terminalidade temporal (p. 6);
7.8) desenvolver indicadores específicos de avaliação da qualidade da educação especial, bem como da qualidade da educação bilíngue para surdos; (Plano de Governo/MEC) (p. 7);

Sobre a escrita de sinais, pode-se perceber que existe a perspectiva de sua utilização com crianças surdas na educação básica, bem como com alunos ouvintes. A inclusão da escrita de sinais nas salas de aula, poderá contribuir com a aprendizagem de alunos surdos em sua primeira língua, e com aprendizagem da Libras como segunda língua para alunos ouvintes, que também terão acesso a um patrimônio linguístico cultural nacional.

A importância do sistema de escrita de sinais para o contexto da sala de aula está em ampliar possibilidades, para professores e alunos, com metodologias específicas e adequadas para o ensino bilíngue. O trabalho com a escrita de sinais é ilimitado, pois permite seu uso a qualquer tempo, em diversos níveis educacionais. Além disso, a utilização da escrita de sinais em salas de aula pode ser um recurso disponível em qualquer disciplina. As crianças de séries iniciais vão despertar o interesse no sistema de escrita e poderão registrar no papel, em sala de aula, sua própria língua. Porém, tais possibilidades não se restringem ao contexto educacional, mas práticas sociais das mais diversas. Adultos podem aprender também a escrita de sinais, pois a partir da sua própria língua, compreendem a escrita como significativa e podem desenvolver competência para tal. O desenvolvimento de habilidades envolvendo a escrita exige bastante prática e, com o tempo, os usuários podem ficar cada vez mais fluentes e escrever a escrita de sinais com facilidade. Isso porque se utiliza muitas representações gráficas, principalmente no que diz respeito à estrutura visual. Além disso, esse processo fomentará mais publicações, mais pesquisas

sobre tecnologias para o uso de sistemas de escrita em ambientes virtuais, etc.

Segundo Cummins (2003) surdos que vão para a escola com uma língua consolidada, terão possibilidades de desenvolver habilidades de leitura e escrita com muito mais consistência. Esta afirmação é importante no sentido de apresentar a escrita de sinais também como significativa.

O foco desta pesquisa está na escrita de sinais. Hoje o Brasil apresenta uma demanda para a implantação de políticas linguísticas, políticas educacionais e de acessibilidade, envolvendo a Libras em suas diferentes formas de expressão. Essa demanda perpassa pela implementação de um ensino bilíngue para surdos, da disciplina de Libras como primeira língua para surdos, da disciplina de Libras como segunda língua para ouvintes, bem como uso e circulação da Libras em diferentes espaços. Nesse sentido, a escrita de sinais assume grande papel neste processo.

De acordo com Nobre (2011), o surgimento de cursos de Letras Libras para formação de professores de Libras e tradutores e intérpretes de Libras, em nível superior, foi o grande responsável pelo uso e expansão do sistema de escrita de sinais em território Nacional. Hoje, nós surdos e demais usuários da escrita de sinais estamos com uma demanda urgente, de discutirmos aspectos ortográficos e de organização textual.

Esta pesquisa é uma iniciativa nesse sentido, ao analisar a coesão textual em escrita de sinais, em uma obra de grande circulação nacional, a saber, Cinderela Surda. Pouco se discute sobre a organização textual em escrita de sinais. Evidenciar esses aspectos fortalece a língua de sinais e a literatura surda, como parte da literatura brasileira.

1.5 CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA

Uma questão importante neste contexto é o fato de as crianças surdas perceberem a sua língua na escrita de sinais, envolvendo leitura e escrita, através de práticas educativas. Segundo os autores, a obra Cinderela Surda, “foi construído a partir de uma experiência visual, com imagens, com o texto reescrito dentro da cultura e da identidade surda e da escrita da língua de sinais” (HEssel; ROSA; KARNOPP, 2003, p.5).

Quanto mais nos debruçarmos sobre a análise linguística e literária de artefatos culturais surdos, mais garantimos a sobrevivência e empoderamento da língua. A literatura é uma área altamente complexa e fundamental para a cultura de um povo. A possibilidade de termos uma cultura surda em escrita de sinais, fortalece a principal marca de uma comunidade de fala: a língua, que conta com mais uma forma de registro.

Nesse sentido, torna-se oportuno conhecermos as estratégias de coesão textual em escrita de sinais, para melhorarmos práticas e aperfeiçoamos nossas relações sociais. A análise dos elementos coesivos da Libras na modalidade escrita possibilita maior conhecimento da estruturação textual que por sua vez evidenciar sua estrutura linguística em outra perspectiva e sua autonomia com relação às línguas orais. Dessa forma, ressaltamos que a Libras tem sua organização textual própria e precisa ser conhecida. Esta pesquisa busca levantar critérios objetivos sobre tais aspectos de organização textual.

2 REFLEXÕES SOBRE AS LITERATURAS

2.1 LITERATURA GERAL

A literatura é fundamental para os seres humanos, pois ela retrata muitas histórias da vida pessoal. O teatro, a dança, a música, a arquitetura e as esculturas representam, através de uma linguagem criativa, esse retrato do ser humano. Assim, partir da sua imaginação e criatividade, o artista retrata uma história, uma cena do cotidiano, ou mesmo uma figura humana. Em suas produções, ele pode representar ali suas emoções, desejos, imaginação e sensações, levando o seu espectador a perceber que na literatura, de uma maneira geral, há um modo de expressar o mundo por meio da linguagem.

Marina Colasanti (2004, p. 188), escritora de contos de fadas contemporâneos, explica que a literatura é “um interminável discurso sobre a vida, um artifício em que, através de narrativas, os seres humanos elaboram suas paixões, suas angústias, seus medos, e se aproximam do grande enigma do ser”.

Muitos outros escritores, críticos e teóricos veem a literatura como promotora da formação humana, entre eles Antônio Candido (2002) que compreende a literatura como experiência humana, algo que atua na própria formação e aproxima o leitor de questões de natureza social e individual. O texto literário, assim, alcança as mais diversas formas, como contos de fadas, romances, poemas, novelas e músicas.

Os gêneros literários podem ser compreendidos como uma classificação que divide os diferentes tipos de textos em grupos distintos, com características particulares. No Gênero Dramático estão contemplados os textos apresentados em contextos teatrais, e podem ser caracterizados como tragédia, comédia, tragicomédia, no sentido clássico, e mais atualmente temos as peças teatrais subdividida em diversas categorias. No Gênero Lírico, os textos representam sentimentos em que configura o “eu-lírico”, e podem ser caracterizados como poemas, sonetos. No Gênero Narrativo, há textos em que o narrador representa o seu tempo e espaço, por meio da memória, de flash backs, fluxo de consciência, fragmentações de personagens. Esse gênero pode ser representado por novelas, contos de fadas e romances, por exemplo. Para este trabalho, nós focamos no

Gênero Narrativo, especificamente no tipo conto de fadas, característico da obra Cinderela Surda.

A literatura promove um olhar único sobre a realidade, através de sua vasta produção literária, refletindo o esforço de desenvolvimento das formas literárias brasileiras. Além disso, a busca por informações contribui com a autonomia literária, e essa autonomia alavanca novas formas e habilidades literárias que representam uma visão natural de novas realidades. Na literatura nacional temos períodos históricos demarcados, entre eles: Naturalismo, Realismo, Romantismo, Pré-Modernismo, Modernismo e tendências contemporâneas. Muitos acontecimentos históricos e marcantes do Brasil mobilizaram os movimentos literários e, assim, a sociedade cresceu junto com autores ou escritores, sendo estimulados pelas próprias obras literárias.

Entretanto, para este trabalho, convém tratarmos sobre a linguagem, que é o modo como agimos no mundo e nos identificamos como seres humanos. Na linguística, temos uma classificação chamada de gêneros textuais, em que, como sinalizantes (falantes) de uma língua, reconhecemos diversos modos de organizar nosso discurso, dependendo da situação em que nos encontramos. Desse modo, podemos afirmar que os gêneros textuais se relacionam com a situação de produção de sentidos.

A nossa preocupação, nesta pesquisa, está voltada para o tipo textual narrativo. Queremos entender, na versão em escrita de sinais da obra Cinderela Surda, como as questões de coesão textual se manifestam no texto em *SignWriting*, de forma a contemplar a competência sócio-comunicativa do interlocutor surdo. Para tanto, no próximo tópico trataremos sobre questões da literatura surda e da literatura visual.

2.2 LITERATURA SURDA E LITERATURA VISUAL

Um dos conceitos da natureza da linguagem poética é que “todo sistema que serve para a comunicação humana pode ser considerado uma linguagem” (D’ONOFRIO, 1995, p. 9). É nesse sentido que entendemos a literatura como um modo de expressar o mundo e tudo que existe nele. A linguagem literária seria, de acordo com Salvatore D’Onofrio (1995, p. 9-10), “um

sistema semiótico secundário, que tem como ‘significante’ o sistema linguístico”.

A seguir apresentamos as reflexões de Gomes (2018) sobre a literatura em geral e o fato de a história da literatura ser fundamental para movimentos literários, obras, artistas e grandes movimentos que dividem os estilos em épocas e escolas literárias.

[...] a análise e compreensão dos textos literários são muito importantes, pois nos ajudam a entender melhor o contexto histórico em que o texto foi escrito. Quando estudamos a história ou origem da literatura deparamos com um conceito: o de **estilos literários** ou **estilos de época**. Estilos de época: é o nome dado ao conjunto de obras escritas em uma determinada época. O critério usado para dividir os estilos de época varia muito: às vezes, o autor publica uma obra revolucionária e ela acaba se tornando o marco inicial de um determinado período, outras vezes um fato histórico influencia uma infinidade de obras que darão origem a um determinado movimento literário. É importante ressaltar que as datas estabelecidas para um determinado período não são tão rigorosas quanto parecem, são apenas recursos didáticos usados para facilitar o estudo, já que é quase impossível estabelecer precisamente quando iniciou ou terminou um período. Também é bom sabermos que um estilo de época não “morre” por completo e que a passagem de um estilo para outro não é tão rápida assim. Muitas idéias adotadas em um período podem ser aproveitadas por outros estilos literários que fazem uma releitura ou uma reinterpretação de textos já escritos. A Literatura busca influência nela mesma para sempre ter a possibilidade de abrir novos caminhos e novas idéias. É por esta razão que o entendimento correto sobre cada estilo é tão importante, pois através dessa compreensão temos uma visão geral da

Literatura e da sociedade que a produziu (GOMES, 2018, [s.p.]),⁶

A autora apresenta uma explicação sobre os conceitos relacionados aos estilos literários e épocas. Quando um autor publica uma obra literária, que pode ser desde narrativa até contação de histórias de sua vida pessoal, essa história, ao ser publicada, pode tornar-se um marco na literatura, contribuindo com diversas reflexões, como por exemplo, em *Cinderela*. Trata-se de uma literatura clássica, sendo também contada no formato de filmes e uma referência para crianças surdas e ouvintes que tem acesso história, já popular no mundo todo.

De acordo com Bruno Bettelheim (2017), as crianças em contato com a literatura aprendem a lidar com problemas existenciais. Segundo autor “a criança necessita muito particularmente que lhe sejam dadas sugestões em forma simbólica sobre o modo como ela pode lidar com essas questões e amadurecer com segurança” (p. 15). Por exemplo, muitos contos de fadas começam com a ausência da mãe ou do pai. Isso permite à criança entender situações da vida real de forma menos angustiante e traumática.

Em *Cinderela*, as irmãs malvadas conseguem por algum tempo tomar o lugar que de direito pertence à Cinderela. As personagens nos contos de fadas são boas ou más, diferente do que somos na realidade, contudo isso permite à criança compreender facilmente a diferença entre o bom e o mau. Assim, ela terá uma base para entender as complexidades que envolvem os adultos do mundo real.

Vale lembrar que é fundamental adaptações e traduções de textos literários para a escrita de sinais, assim possibilitando as crianças surdas se identificarem com a obra que por sua vez carrega características da cultura surda como por exemplo a Cinderela Surda. Na obra citada, os personagens principais são surdos e um exemplo de adaptação é a troca do sapato de cristal pelas luvas, dando visibilidade as mãos, referindo-se a maneira como os surdos se comunicam, de forma visual-gestual. De acordo com o autor Mourão (2012):

⁶ Revista de InfoEscola, disponível em: <https://www.infoescola.com/literatura/literatura-infantil/>.

[...] são adaptações de histórias ou de contos de fadas que existem há anos. Em todos esses livros, os personagens principais são surdos e o enredo da história tem transformações para se adaptar à cultura surda. Os autores desses livros, conhecendo os clássicos da literatura mundial e seu valor, realizam adaptação para cultura surda, de forma que o discurso traga representações sobre os surdos (MOURÃO, 2012, p. 4).

De igual modo, a criança surda precisa acessar a fantasia e os contos de fadas como experiências de crescimento. Nesse sentido, a literatura surda e a literatura em língua de sinais são fundamentais. De acordo com Peixoto (2016) há diferença entre Literatura Surda e Literatura em LIBRAS. Sobre essas nomenclaturas a autora afirma que:

Literatura Surda: consiste nas produções literárias: criadas e adaptadas por surdos. As obras de autores surdos que são criadas em Língua Portuguesa, em Língua de Sinais na modalidade escrita, ou em Língua de Sinais na modalidade sinalizada. As obras adaptadas (seja produzida em Língua Portuguesa, em Língua de Sinais na modalidade escrita, ou em Língua de Sinais na modalidade sinalizada), com elementos identitários e culturais do Povo Surdo que fazem uma recriação e releitura de obras clássicas criados por ouvintes. (PEIXOTO, 2016, p. 143)

Literatura em LIBRAS: consiste em uma literatura criada por ouvintes traduzida para a LIBRAS, que diferente das obras adaptadas não sofrem alterações nos enredos, pois são fiéis ao texto original da obra. Estas são obras *para* surdos e não *de* surdos. Nesta categoria de produções há traduções feitas por surdos e por ouvintes. Nada impede de ouvintes compor um conto adaptado ou criar uma poesia, porém esta ainda será uma

obra em LIBRAS produzida por ouvintes e não uma autêntica Literatura Surda. (PEIXOTO, 2016, p. 143)

A cultura surda⁷ envolve aspectos riquíssimos na contação de histórias surdas, utilizando expressões faciais e corporais, o domínio da língua de sinais e performance específica das pessoas surdas. Muitas vezes, a comunidade ouvinte não entende a cultura surda, tampouco compreende o humor e as piadas da cultura surda. Como a autora surda Karin Strobel (2008) relata:

Na maioria das vezes estas piadas e anedotas envolvem a temática das situações engraçadas sobre a incompreensão das comunidades ouvintes acerca da cultura surda e vice-versa, como é o caso da popular piada “A árvore surda”: o lenhador que grita “madeira” para uma árvore surda e ela não cai quando o lenhador aprende a soletrar “m-a-d-e-i-r-a”. O sujeito surdo ao contar esta piada, incorpora os personagens com as expressões corporais e faciais e os diálogos, usando a língua de sinais, o que faz com que os espectadores prendem a respiração no desenrolar da história humorística para depois caírem na risada (STROBEL, 2008, p. 59).

A história sobre a árvore surda é muito interessante. Inventada por um sujeito surdo, foi muito bem recebida na comunidade surda, assim como algumas outras piadas surdas onde os próprios surdos são autores e as contam no encontro entre surdos. As histórias mais contadas em língua de sinais pelas comunidades surdas retratam a cultura surda como uma cultura diferente e evidenciam a literatura surda como o espaço onde se iniciaram as lutas pelo reconhecimento da língua brasileira de sinais em âmbito social.

⁷ De acordo com Strobel (2008) o essencial é entendermos que a cultura surda é como algo que penetra na pele do povo surdo que participa das comunidades surdas, que compartilha algo que tem em comum, seu conjunto de normas, valores e de comportamentos.

Com o desenvolvimento tecnológico e as mudanças sociais, sugeriram novas possibilidades para os surdos registrarem as produções literárias que circulam em Libras. Portanto, as crianças surdas agora podem ter acesso ao conhecimento e à aprendizagem inseridos na cultura surda em língua de sinais, a partir de fantasias, histórias e valores culturais dos mundos surdos e ouvintes.

Para ressaltar a importância dos estudos literários na aquisição de conhecimento e especificamente na compreensão da modalidade das línguas sinalizadas e, em especial, o papel dos gestos e da iconicidade no discurso poético, Araújo (2016) analisa alguns versos do poema *Bandeira Brasileira* de Nelson Pimenta, poeta surdo. A autora se vale de noções da estrutura fonética, dos gestos e da linguagem espacial para

[...] mostrar o expediente contextualista e interpretativo da poética surda e dos seus valores temático-culturais utilizado por Nelson Pimenta, especificamente no mencionado poema. Este tem a finalidade de legitimar o modo de ser da cultura surda e a construção da poesia pela experiência sensorial, característica central de muitos poemas nas línguas de sinais, caras à identificação da herança histórica e literária surda (ARAÚJO, 2016, p. 180).

O poema de Nelson Pimenta exemplifica como a literatura surda pode servir para acentuar as virtudes miméticas ou expressivas da metáfora.

A poesia em língua de sinais, assim como a poesia em qualquer língua, usa uma forma intensificada de linguagem (“sinal arte”) para efeito estético” (QUADROS, SUTTON-SPENCER, 2006, p. 111). Segundo as estudiosas da linguagem de sinais brasileira, esse tipo de poesia explora os recursos linguísticos para obter efeitos estéticos como, por exemplo, o uso criativo de configurações de mão, movimentos, locações e expressões faciais. Num primeiro plano, a linguagem se apresenta por meio desses recursos, além de trazer sinais já existentes na língua projetados de forma regular. Dessa maneira, a linguagem atinge um significado adicional, apontando para

múltiplas interpretações através do movimento e forma, curso e recorrência, sequência e estrutura (ARAÚJO, 2016, p. 182).

A seguir, indicamos alguns autores e pesquisadores surdos e ouvintes que produziram dissertações de mestrado e doutorado e artigos em torno da literatura surda e em *SignWriting*⁸:

- Carolina Silva Rezende da Nóbrega, doutora pela Universidade Federal da Paraíba em 2017, defendeu a tese sobre “Literatura Surda: As produções digitais de textos religiosos em Libras”⁹. O resumo da tese está anexo;

- Fabiano Souto Rosa, mestre pela Universidade Federal de Pelotas em 2011, dedicou-se à dissertação de mestrado intitulada “Literatura Surda: o que sinalizam professores surdos sobre livros digitais em Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS”¹⁰. O resumo de dissertação está anexo;

- Janete Inês Müller, mestre pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2012 dedicou-se a dissertação intitulada “Marcadores culturais na literatura surda: constituição de significados em produções editoriais surdas”¹¹. O resumo da dissertação está anexo;

- Cláudio Mourão defendeu o mestrado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2011. Neste trabalho apresenta a pesquisa intitulada “Literatura Surda: produções culturais de surdos em Língua de Sinais”¹². O resumo está anexo;

- Cláudio Mourão defendeu o doutorado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2016, com o trabalho sobre

⁸⁸ Os resumos das publicações listadas estão como anexo dessa pesquisa.

⁹ Disponível em:

<www.cchla.ufpb.br/ppgl/wp-content/uploads/2017/06/Carolina-Silva-Resende-da-Nóbrega.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2018.

¹⁰ Disponível em:

<http://repositorio.ufpel.edu.br:8080/bitstream/123456789/1699/1/Fabiano_Souto_Rosa_Dissertacao.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2018.

¹¹ Disponível em:

<<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/56395/000860597.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 20 fev.2018.

¹² Disponível em:

<<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/32311/000785443.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

“Literatura Surda: experiência das mãos literárias”¹³. O resumo está anexo;

- Lodenir Becker Karnoop e Carolina Hessel Silveira publicaram o artigo na Revista Educar, da UFPR em Curitiba/PR, sobre “Humor na literatura surda”¹⁴. O resumo está anexo;

- Guilherme Nichols dedicou-se ao mestrado que foi defendido na Universidade Estadual de Campinas em 2016, sobre “Literatura Surda: Além da Língua de Sinais”¹⁵. O resumo está anexo;

- Carolina Hessel Silveira defendeu sua tese pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2015. Neste trabalho, a autora apresenta “Literatura Surda: análise da circulação de piadas clássicas em Línguas de Sinais”¹⁶. O resumo está anexo;

- Claudete Marques das Neves defendeu o mestrado pela Universidade Federal de Rondônia em 2015, em que apresentou o tema “Literatura Surda: Uma literatura Descolonizadora”¹⁷. O resumo está anexo;

- Fernanda de Araújo Machado defendeu o mestrado pela Universidade Federal de Santa Catarina em 2013, e o tema apresentado foi “Simetria na poética visual na língua de sinais brasileira”¹⁸. O resumo está anexo;

13 Disponível em:

<<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/151708/001012805.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 20 fev.2018.

14 Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/nspe-2/07.pdf>>. Acesso em: 20 fev.2018.

15 Disponível em:

<http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/321136/1/Nichols_Guilherme_M.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2018.

16 Disponível em:

<<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/131069/000979955.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

17 Disponível em:

<<http://www.mel.unir.br/uploads/56565656/Dissertacoes/031.%20Literatura%20surda%20Uma%20literatura%20descolonizadora.%20Claudete%20Marques%20das%20Neves.PDF>>. Acesso em: 20 fev.2018.

18 Disponível em:

<<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/107555/318702.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

• Nelson de Pimenta Castro dedicou-se ao mestrado na Universidade Federal de Santa Catarina em 2012, e apresentou o tema “A tradução de fábulas seguindo aspectos imagéticos da linguagem cinematográfica e da língua de sinais”¹⁹. O resumo está anexo.

A literatura produzida em Língua de Sinais, por mestres e/ou doutores surdos, surge como subsídio para novas práticas envolvendo a Literatura Surda, especificamente em relação à Libras. Nestas pesquisas estão presentes histórias de vida das pessoas surdas e manifestações literárias surdas, em que autores surdos apresentam vídeos produzidos em Língua de Sinais. Estas pesquisas ainda discorrem sobre a importância dessas produções para a história da cultura surda e a literatura visual como referência para as disciplinas de literatura brasileira produzida em Libras.

Apresentada também em diversas versões bilíngues, com Escrita de Sinais e Língua Portuguesa, a literatura surda inclui obras como a *Cinderela Surda* e outras. As produções de obras literárias que utilizam a escrita de sinais são obras com potencial de registro, pois os textos ganham versões impressas.

A rigor, a literatura surda contém o registro das histórias envolvendo línguas de sinais, que envolve aspectos identitários da cultura surda. Algumas produções literárias bilíngues contam com a presença da Língua Portuguesa e da escrita de sinais. A presença da escrita de sinais (*SignWriting*) e textos de língua portuguesa contribui para que surdos atendam seus interesses de estudos e entretenimento, integrando-se com as artes, texto sem versões bilíngues, etc.

Nesse sentido, é fundamental resgatar as obras literárias e garantir qualidade dos textos em escrita de sinais, contemplando as duas línguas envolvidas.

O acesso à palavra (em sinais e na escrita) é traduzido como forma de acesso das pessoas ao mundo social e linguístico, sendo condição mínima e necessária para que o

¹⁹ Disponível em:

<<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/100721/310924.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 20 fev.2018.

aluno possa participar efetivamente da aula, entendendo e fazendo-se entender (KARNOPP; THOMA; LOPES, 2004, p. 106).

O sujeito surdo bilíngue que utiliza com fluência a língua portuguesa e a escrita de sinais pode usufruir de um material literário, como os livros nessas versões, com possibilidade de desenvolvimento de habilidades de compreensão de uso desses materiais em situações de aprendizagem, envolvendo letramento para surdos. Livros em escrita de sinais e língua portuguesa são uma oportunidade de leitura da literatura, oportunizando aos surdos excelentes condições de aquisição de conhecimento. Este material bilíngue, utilizado com crianças surdas, podem alargar a leitura da escrita em língua portuguesa, bem como em escrita de sinais.

Dessa forma, muitas obras disponíveis em escrita de sinais precisam ser revisadas e atualizadas sempre, pois devem organizar sua forma de escrita de sinais de maneira a garantir a coesão e coerência textual. Por isso, esta pesquisa aborda aspectos relacionados à coesão textual em escrita de sinais em obras literárias.

As obras infantis da literatura surda, como as publicadas sem escrita de sinais (*SignWriting*) são importantes para a cultura surda e podem ser importante fonte de material didático para aulas de línguas, além dos benefícios provenientes do consumo de literatura. Dessa forma, a presença de obras dessa natureza possui um potencial ímpar, junto à escola, à comunidade surda e às crianças surdas, que tem a oportunidade de construir valores que perpassam pela língua em uso e pelo contato com a escrita de sinais. Esses valores são fundamentais para significação de mundo, aprendizagem e acesso a novas informações.

Atualmente, há o registro de 16 (dezesesseis) livros publicados no sistema de escrita *SignWriting*. Acreditamos que em futuro próximo, esse número tende a crescer, tendo em vista que pesquisas em torno da produção, consumo e circulação de Literatura Surda estão crescendo. Menciono alguns deles aqui (Ver Quadro 1).

Quadro 1 - Livros literários produzidos com sistema de *SignWriting*

Nome do Título	Autores	Ano e local de publicação	Editoriais
UMA MENINA CHAMADA KAUANA	Strobel, K.	1997/Rio de Janeiro	Feneis/RJ
CINDERELA SURDA	Karnoop, L. B. Hessel, C. e Rosa, F.	2003/ Canoas RS	ULBRA
RAPUNZEL SURDA	Karnoop, L. B. Hessel, C. e Rosa, F.	2003/Canoas RS	ULBRA
ADÃO E EVA	Equipe Projeto é Legal	2003/ Porto Alegre RS	Feneis RS
IVO	Equipe Projeto é Legal	2003/ Porto Alegre	Feneis RS
CACHOS DOURADOS	Equipe Projeto é Legal	2003/ Porto Alegre	Feneis RS
ARVORE SURDA	Equipe Projeto é Legal	2003/ Porto Alegre	Feneis RS
VIVA AS DIFERENÇAS	Equipe Projeto é Legal	2003/ Porto Alegre	Feneis RS
A CIGARRA SURDA E AS FORMIGAS	Boldo, J. & Oliveira, C. E.	2004/Erechim RS	Sem local
DAVI	Ribeiro, S.	2006/ Taboão da Serra	Casa da Cultura Surda
NOE	Ribeiro, S	2006/ Taboão da Serra	Casa da Cultura Surda
MANOELITO: O palhaço tristonho	Rizzi, A.	2009/ Porto Alegre	Autora
O FEIJÃOZINHO SURDO	Kuchenecker, L.G.	2009/ Canoas RS	ULBRA
MANOELITO: SOL E AS OVELHAS	Rizzi, A.	2011/ Porto Alegre	Autora

OS MISTÉRIOS DO JARDIM DE MIMI E LULU	Alessandra Ayres	2015/ Porto Alegre RS	Conceito
NEGRINHO E SOLIMÕES	Tatyana Sampaio Monteiro	Manaus/AM	Autora

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

A literatura surda é muito importante, pois é uma produção literária que usa pontos de vista particulares e oferece muitas informações, assim como a produção de obra literária sinalizada, como os livros infantis, com sistema de escrita de sinais. A comunidade surda tem muitas histórias, com suas lutas por direitos, manifestações culturais adentrado contextos sociais e educacionais.

Assim, estas produções literárias envolvem produções relacionadas à tradução para a língua de sinais (escrita de sinais) de textos literários escritos, ou seja, adaptações de textos clássicos e modernos e também produção de textos produzidos pelos surdos. Um exemplo de texto literário para a escrita de sinais é o conto de fadas Cinderela Surda, sendo um texto traduzido pelos surdos Fabiano Souto, Carolina Hessel e a ouvinte Lodenir Karnopp. O conto de fadas foi produzido para crianças surdas e retrata o tema “identidade surda”. Na obra, o conceito de que as pessoas surdas tem suas próprias identidades está presente, como o “eu” surdo, sujeito que faz uso da experiência visual e de sua primeira língua, a língua de sinais. Conforme esclarece a autora Perlin (2015),

[...] para identificar a marca “surdo” que apresentamos, preciso aproximar o que é fácil entender por sujeito surdo. É uma marca que identifica a nós, os surdos, em crescente posição de termos próprios no interesse de gerar poder “para si e para os outros” (PERLIN, 2015, p. 54).

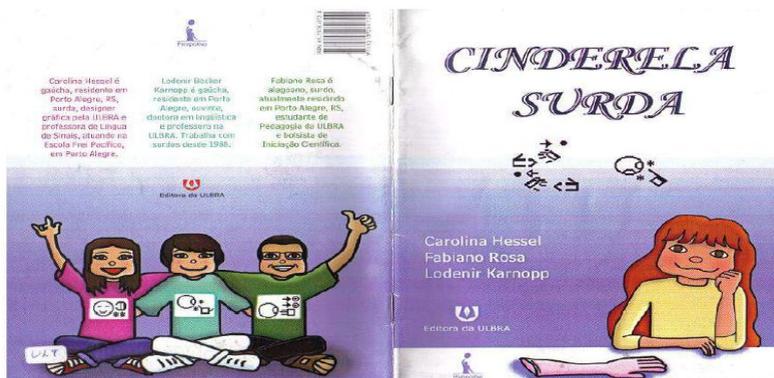
Em relação à cultura surda, a autora Strobel (2018) afirma que

[...] cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de

torná-lo acessível e habitável, ajustando-os com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das 'almas' das comunidades surdas" (STROBEL, 2018, p.24).

A Figura 1, a seguir, ilustra a capa do livro Cinderela Surda²⁰.

Figura 1 - Capa do livro Cinderela Surda



Fonte: Hessel, Karnopp e Rosa (2003).

As histórias sobre a cultura surda retratam experiências e conhecimentos, principalmente visuais, compartilhados entre os membros da comunidade surda, em obras infantis para crianças. Alguns conceitos como trama, linguagem e outros, dispositivos através de imagens e escrita de sinais, podem evidenciar as identidades surdas e o uso legítimo da língua de sinais ao narrar as histórias dos surdos.

Em relação às piadas surdas, que contêm muitas informações das pessoas surdas, é possível produzir perspectivas sobre língua de sinais, identidades e cultura surda, apresentando de forma irônica as diferenças que perpassam o comportamento humano. Existem muitas piadas ricas em metáforas e repletas de criatividade, compreendidas perfeitamente pelos surdos. Estes usos tornam a Língua de

²⁰ Imagem digitalizada da 1ª edição.

Sinais ainda mais fascinantes. As piadas retratam as experiências, sentimentos, aspectos culturais e valores que reforçam o papel da diferença surda para os surdos, a partir da ironia, ressaltando as experiências surdas e assim, produzindo humor. As autoras Hessel e Karnopp (2016) afirmam que nas piadas apresentam-se as diferenças entre surdos e ouvintes e tem como conceitos envolvidos, “rir dos outros”, ou seja dos ouvintes, e “rir de nós mesmos”, os próprios surdos.

Entre as várias piadas que circulam na comunidade surda e que os fazem “rir dos outros” (ouvintes), focalizando problemas de comunicação, escolhemos, para explorar, a que denominamos “Árvore Surda”. Lembramos que tais histórias se aproximam entre si porque apresentam cenas nas quais existem problemas para os ouvintes, visto que não sabem sinais. Nessas situações, zomba-se dos limites de ouvintes no uso da língua de sinais. Assim, os elementos que provocam o riso decorrem de diferenças entre as experiências surdas e as experiências ouvintes. Nas experiências surdas, o uso de uma língua de sinais, da experiência visual está em destaque, e o barulho não incomoda. Já nas experiências de ouvintes, as piadas apresentam ouvintes atrapalhados com o uso da língua de sinais e/ou incomodados com o barulho. Desse modo, o riso está vinculado a determinadas experiências e grupos que as vivenciam (HESSEL; KARNOPP, 2016, p. 171).

Outro conjunto de piadas que encontramos são as piadas que tematizam situações e experiências vivenciadas pelos próprios surdos, causando riso no próprio grupo. Algumas apontam situações em que o surdo tira vantagens, decorrentes da benevolência, da compaixão e da piedade de outros. Por exemplo, piadas como “Policial Sinalizador” e “Cabeleireiro” contam histórias de benefícios obtidos pelos surdos, associados ao cotidiano. No caso de “Policial

Sinalizador”, a limitação do uso de sinais por parte do policial fez com que o surdo se livrasse de uma multa. Já na piada “Cabeleireiro”, encontramos a vantagem no compartilhamento de informações, que levam a um corte gratuito para uma grande quantidade de surdos. Tais vantagens são apresentadas, nas piadas, em situações que envolvem não só a benevolência, mas também a urgência dos ouvintes em livrarem-se rápido de situações embaraçosas, buscarem soluções rápidas de problemas, ao perceberem que não sabem como atender aos surdos, incorporando uma atitude de piedade, pena. Tais piadas vinculam-se a essas representações, geralmente relacionadas à visão de deficiência, já que “fazer o bem faz bem”. Tais piadas apresentam também ambientes em que o tratamento varia entre dois polos: ou a benevolência ou a exclusão. Ao final, o desfecho dessas piadas mostra o ganho surdo, os benefícios que podem ser obtidos em muitas situações (HESSEL; KARNOPP, 2016, p. 179).

Sobre a poesia, os sujeitos surdos produzem suas próprias narrativas e as disponibilizam a partir do uso de classificadores, expressões faciais e corporais, frequentes nessas produções. Como exemplo, apresentamos a imagem de dois poetas surdos, nas Figuras 2 e Figura 3, a seguir, que ilustram as poesias “Tempo Brasileiro”²¹ e “Voo sobre Rio”²², respectivamente.

²¹ Vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yOh-uU-BIEk>>. Acesso em: 6 nov. 2017.

²² Vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YaAy0cbjU8o>>. Acesso em: 6 nov. 2017.

Figura 2 - Poeta Surdo



Fonte: Conceição (2016).

Figura 3 - Poetiza Surda



Fonte: Machado (2014).

Assim como estes, existem diversos vídeos de poesias em Libras disponíveis no site YouTube e outras plataformas. Existem muitas manifestações artísticas produzidas por surdos no Brasil e no mundo. Dessa forma a cultura surda se manifesta em diversos contextos literários. No nosso país, existem muitos autores surdos que contribuem com a cultura literária, através da produção de espetáculos, publicação de livros infantis que, de alguma forma, contribuem para o desenvolvimento de uma cultura surda escrita e estimulam, através da leitura, a criatividade, a imaginação e o conhecimento da língua de sinais.

A literatura surda auxilia no conhecimento da língua e cultura para os surdos que ainda não têm acesso a elas. Para as crianças surdas, a literatura surda é um meio de

referência e também cria uma aproximação com a própria cultura e o aprendizado da sua primeira língua, que facilitará na construção de sua identidade (ROSA; KLEIN, 2012, p.189).

Vale salientar que em Goiás, na década de 1980, não existiam escolas bilíngues ou professores de Literatura Surda que disponibilizasse tais conhecimentos às crianças surdas. Atualmente, poetas e demais autores surdos podem contribuir com a implantação de um ensino bilíngue, ao se apresentarem como referência positiva de acesso à cultura surda, à literatura surda e aos costumes populares surdos. Essas manifestações estão disponíveis em diversas línguas e formas de expressão. Conforme Karin Strobel (2008),

[...] muitos escritores e poetas surdos também registram suas expressões literárias em língua portuguesa, como testemunhos compartilhados de suas identidades culturais e, assim, a cultura surda passou a ganhar espaço literário com lançamentos de livros e artigos com temas nunca antes imaginados (STROBEL, 2008, p. 57).

De acordo com Strobel (2008), diversos escritores e poetas têm se dedicado a promover registros literários como fonte de identificação da cultura surda. Por isso, os autores surdos têm produzido muitas histórias para circulação e consumo por outros surdos, exatamente pelo processo de identificação. Como Gregorin Filho (2009) apresenta,

[...] pensar nas crianças e na sua relação com os livros de literatura é pensar no futuro, e pensar no futuro é ter responsabilidade de construir um mundo com menos espaço para a opressão das diferenças (FILHO, 2009, p.09).

A Literatura Surda, para o surdo, torna-se uma produção diferente da Literatura Surda para o ouvinte. Um dos motivos para essa diferença está em o surdo ter experiências e vivências

que o ouvinte, mesmo usando a Libras fluentemente em contato com a comunidade surda, jamais experienciará. O surdo possui uma maneira particular de se posicionar no mundo.

2.3 ESTRUTURA BÁSICA DA ESCRITA E ORTOGRAFIA EM *SIGNWRITING*

Segundo os autores Barreto e Barreto (2012), a palavra *SignWriting* é inglesa e foi criada por Valerie Sutton. Ela criou um sistema para escrever movimentos de dança e assim surgiu a ideia de desenhar as formas dos sinais para escrever no papel. Começou a trabalhar interessada em desenhar os sinais e a partir daí iniciou uma história longa de criação do sistema de escrita de línguas de sinais. No início, os registros feitos por ela foram gravados em videocassetes, onde, inspirada no trabalho com os movimentos de dança, idealizou disponibilizar um site com o nome *signwriting* (traduzido em “escrita de sinais” no Brasil) e, em 1974, espalhou-se pelo mundo inteiro.

A escrita de sinais começou a ser divulgado no Brasil em 1996 com a surda e doutora Marianne Rossi Stumpf, primeira surda a defender a escrita de sinais em Libras no país. Provavelmente, a primeira pessoa que tenha iniciado o trabalho de publicação em Escrita de Sinais, com a tradução do livro infantil chamado “Menina Chamada Kauana” para a escrita de sinais. De acordo com Stumpf (2010):

[...] a escrita de sinais é muito importante para nós, porque é a forma própria de escrever a língua de sinais. A comunidade surda que utiliza a língua de sinais merece ter também a sua escrita. Da mesma forma, as crianças devem escrever os sinais uma vez que usam a língua de sinais (STUMPF, 2010, p. 14).

O sistema *SignWriting* é um sistema de escrita utilizado para escrever as línguas de sinais. Ele expressa as configurações de mãos, as locações, os movimentos, as orientações da palma, os pontos de articulação e as marcações

não manuais. Esse sistema é utilizado, conforme verificado no *SignPuddle*²³, em cerca de 62 países. A pesquisadora Sutton (2003) relata que com a escrita de sinais não há necessidade de mediação de uma língua oral para registrar aquilo que é produzido em língua de sinais.

O *SignWriting* é uma escrita visual direta através da qual é possível ler e escrever as línguas de sinais sem a necessidade de interpretação para uma língua oral. Assim como o alfabeto latino, que é usado para escrever o português, o inglês, o francês e tantas outras línguas orais, o conjunto de símbolos utilizado no *SignWriting* é internacional e pode ser usado para escrever qualquer língua de sinais do mundo (SUTTON, 2003, p. 34, grifo nosso).

Sutton (2003) ressalta que não importa que os surdos de um país usem o *SignWriting* de forma um pouco diferente que os de outro país, o importante é que possam escrever em suas Línguas de Sinais. Vale lembrar que as línguas de sinais não são universais. Nas palavras de Stumpf (2005),

O *SignWriting* pode registrar qualquer língua de sinais do mundo sem passar pela tradução da língua falada. Cada língua de sinais vai adaptá-lo a sua própria ortografia. Para escrever em *SignWriting* é preciso saber uma língua de sinais (STUMPF, 2005. p. 52, grifo nosso).

Os surdos e ouvintes conseguem escrever fluentemente uma língua de sinais através da escrita de sinais, de forma rápida, porque o sistema está baseado de forma a contemplar a modalidade gestual visual. Assim, como dito anteriormente, não há barreiras para escrever ou se comunicar. Mas, ouvintes e surdos precisam conhecer a língua de sinais para sinalizar e escrever em escrita de sinais naturalmente. A escrita é umas

²³ Disponível em: <http://www.signbank.org/signpuddle/>. Acesso em: 13 set. 2017.

grandes invenções e marca a história da humanidade, sendo muito relevante na educação.

Infelizmente, vemos na sociedade em que alguns surdos e ouvintes ainda desconhecem a escrita de sinais e, com poucas informações, não têm sucesso no registro de seus pensamentos que se fundamentam em língua de sinais. É preciso estabelecer uma reflexão sobre a forma de registro, como Silva (2009) propõe:

O uso do sistema de escrita *SignWriting*, assim como outras escritas, se constitui como estratégia de construção de significados e método de estudo, pois facilita a lembrança e a recuperação da informação guardada na memória. Atualmente a maioria dos surdos tem acesso aos conteúdos escolares através da tradução por um interprete de Libras; porém, os conteúdos são escritos em Língua Portuguesa, o que são constitui para memorização, lembrança e associação com outros conhecimentos. Não há uma forma de registro acessível que se possa consultar (SILVA, 2009, p. 53, grifo nosso).

O nível de proficiência linguística dos sujeitos surdos está aumentando pois eles sentem prazer em aprender a escrita de sinais, e também sentem vontade de expressar naturalmente seus pensamentos (STUMP, 2005, p. 44) afirma “sem a insegurança de tentar encontrar a palavra da Língua Oral, que procura e não encontra, quando encontra não sabe bem se era aquela a palavra certa”. Essa insegurança que os surdos sentem com a língua oral, provavelmente não vão sentir com a escrita de sinais.

Sobre crianças surdas poderem utilizar a escrita de sinais, Quadros (2012) ressalta que no início, com a prática de registro dos sinais, utilizando o sentido vertical, de cima para baixo, ou sentido horizontal, da esquerda para a direita, elas podem evoluir na escrita de sinais de maneira certa. Atualmente, estamos discutindo a produção escrita padronizada. “Padronizada” no sentido de escrever o mesmo sinal usando os mesmos símbolos (QUADROS, 2012). Segundo a autora, a escrita de sinais é o caminho ideal, pois com ela é possível escrever um texto no

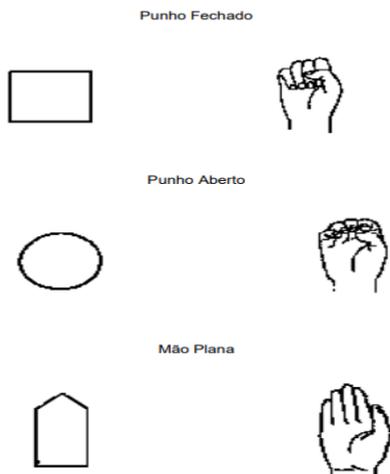
papel ou ler, estimulando o aprendizado de novos vocabulários na construção de linguística. De acordo com Stumpf (2005),

[...] quando a criança escreve, ela expressa suas ideias (sic) graficamente, por meio de um sistema cujo uso supõe a compreensão da sua forma de construção. Construir a escrita significa conseguir criar os elementos adequados á expressão das ideias (sic) e estabelecer entre eles a relação apropriada que reflita no texto a gramaticidade da língua. Para o usuário natural de uma língua, no caso nas crianças surdas usuárias de línguas de sinais, essa compreensão da estrutura da língua acontece naturalmente ao ser posta em contato com a LS, como acontece com a criança ouvinte quando adquire a língua oral de seu país (STUMPF, 2005, p. 214).

A estrutura básica das configurações de mão, que envolve também a orientação, estão ilustradas a seguir, na Figura 4. As configurações básicas podem ser mão fechado, mão aberto (circular) e mão plana²⁴.

²⁴ No site *SignWriting* estão disponíveis as estruturas de escrita de sinais com seus diversos. É possível baixar o programa *SignWriting* para praticar a escrita:
<<http://www.signwriting.org/forums/software/archive/softarc11.html>>. Para mais detalhes, consulte o site [signwriting.org](http://www.signwriting.org).

Figura 4 - Configurações Básicas de mãos da Escrita de Sinais²⁵



Fonte: Lições sobre o *SignWriting* (2010).

No Brasil, alguns autores surdos e ouvintes desenvolveram pesquisas em Linguística e em outras áreas específicas do conhecimento envolvendo o *SignWriting*. Estes trabalhos estão em formato de dissertações de mestrado ou teses de doutorado. A seguir, mencionamos alguns deles.

- Aprendizagem de Escrita de Língua de Sinais pelo Sistema *SignWriting*: línguas de sinais no papel e no computador (Marianne Rossi Stumpf, doutorado);
- Analisando o processo de leitura de uma possível escrita da língua brasileira de sinais: *SignWriting* (Fábio Irineu da Silva, mestrado).
- Processo de Grafia da Língua de Sinais: uma análise fonomorfológica da escrita em *SignWriting* (Rundesth Saboia Nobre, mestrado).

²⁵ As estruturas de escrita de sinais “Lições sobre o *SignWriting*” possui mais detalhes dos grupos de símbolos e contatos de mãos. No site a seguir, é possível consultar apostila. Disponível em: <<http://www.signwriting.org/archive/docs5/sw0472-BR-Licoes-SignWriting.pdf>>.

- Depoimentos de ouvintes universitários sobre a escrita da Língua de Sinais (Letícia Fernandes, mestrado).

- (Re)pensando o uso de mapas conceituais: um estudo de caso com Libras e SW na educação sexual (Lisiane Mallmann, mestrado).

- SignDic – Um ambiente multimídia para criação de consulta de dicionários bilíngues de línguas de sinais e orais (Daniela Remião de Macedo, mestrado).

- A escrita de expressões não manuais gramaticais em sentenças da Libras no Sistema SignWriting (João Paulo Ampessan, mestrado).

- As descrições imagéticas na transcrição e leitura de um texto em *SignWriting* (Marcos Kluber Kogut, mestrado).

- Escrita de Sinais: concepções dos educadores Surdos e ouvintes (Daniela Ramalho Cury, mestrado).

- A arte de escrever em Libras (Gabriela Otaviani Barbosa, mestrado).

- Aspectos da leitura e escrita de sinais: estudos de caso com alunos surdos da educação básica e de universitários surdos e ouvintes (Débora Campos Wanderley, mestrado).

- A inserção do sistema *SignWriting* na formação dos profissionais de Libras (Murilo Sbrissia Pitarch Forcadell, mestrado).

- Um estudo sobre o aprendizado de conteúdos escolares por meio da escrita de sinais em escola bilíngue para surdos (Danielle Miki Fujikawa Bózoli)

- Escritas de sinais: supressão de componentes quirêmicos da escrita da Libras em *SignWriting* (Carla Damasceno de Moraes, doutorado).

O sistema *SignWriting* de Escrita de Sinais está em difusão no Brasil. Em grande parte, isso acontece devido os cursos de Letras Libras implantados no país e às demandas legais que garantem uma educação bilíngue para surdos e o ensino de Libras na Educação Básica e no Ensino Superior. Por conta disso, o ensino do sistema *SignWriting* tende à sistematização em instituições de ensino, tanto a surdos quanto a ouvintes. Mas, novamente, um grande desafio em relação à institucionalização de um sistema de escrita diz respeito à padronização.

A partir de produções científicas publicadas por pesquisadores de *SignWriting*, torna-se viável identificar que um mesmo sinal de Língua Brasileira de Sinais – Libras pode ser escrito de forma diferenciada. Nesse sentido, compreende-se que para a consolidação da escrita de sinais em *SignWriting*, tanto para a formação de professores quanto para o ensino nas escolas de ensino básico para crianças surdas, a padronização da escrita dos sinais de Libras em *SignWriting* é fundamental (MORAIS, 2015, p. 295, grifo nosso).

O aumento da demanda de produção textual em Escrita de Sinais, devido à produção, circulação e consumo de artefatos culturais em *SignWriting*, exige agora, a emergência de um sistema ortográfico de forma a padronizar a produção de diferentes sujeitos que se apropriam da escrita. De acordo com Moraes (2015), a expectativa agora é desencadear o início de um diálogo entre pesquisadores de *SignWriting*, para o estabelecimento de um padrão, visto que o sistema permite uma variação na grafia. Isso, certamente, pode proporcionar facilidade na leitura e diminuição de ambiguidades.

Da mesma forma, Nobre (2011) estabelece que a formalização de um padrão de ortografia para a Escrita de Sinais deve seguir orientações de convenções ortográficas e que os usuários devem ter participação ativa nesse processo. O autor ressalta ainda que sistematizar as regras existentes e estabelecer nossas regras durante a escrita, não tem a finalidade de normatizar, mas de nortear as produções dos usuários, uma vez que o sistema está em fase de difusão e institucionalização. Dito em outras palavras, trata-se do estabelecimento de convenções.

Com o objetivo de conhecer a variabilidade e regularidade durante o uso da escrita de sinais, Nobre (2011) fez uma análise da produção escrita em *SignWriting* de 4 (quatro) participantes surdos, levando em consideração a subjetividade dos participantes e o fenômeno de alofonia em Libras. Esse trabalho possibilitou também identificar e estabelecer alguns critérios que podem contribuir para o estabelecimento de uma ortografia,

seguindo o princípio da economia linguística. Sobre esse princípio, aplicado ao *SignWriting*, o autor estabelece que

[...] as escritas econômicas se referem aquelas que utilizam menos símbolos, contudo não perdem seu significado, ao contrário trazem informações exatas e claras, além de serem mais eficazes a ponto de registrar com mais rapidez as informações desejadas. A economia em pilha acontece com a aproximação dos símbolos sem prejuízo da visibilidade nem do significado do sinal, desse modo a pilha é um elemento economizador (NOBRE, 2011, p. 161).

Consoante ao autor surdo “a análise da produção escrita revelou que a ordem predominante dos símbolos dos parâmetros fonológicos da Libras, organizados em pilhas, são estabelecidos da seguinte maneira” (NOBRE, p. 164 2011):

i) Para todos os sinais, a Configuração de mão está ao centro, símbolo de contato à esquerda e símbolo de movimento à direita (Contato<CM>Mov);

ii) Para os sinais com Ponto de Articulação na cabeça, o símbolo de cabeça está ao centro, símbolo de contato, de configuração de mão e de movimento à direita (Cabeça: Contato>CM>Mov);

iii) Os símbolos de contato são os principais elementos de ligação da pilha, em que não é permitido mais de um tipo de símbolo de contato por pilha.

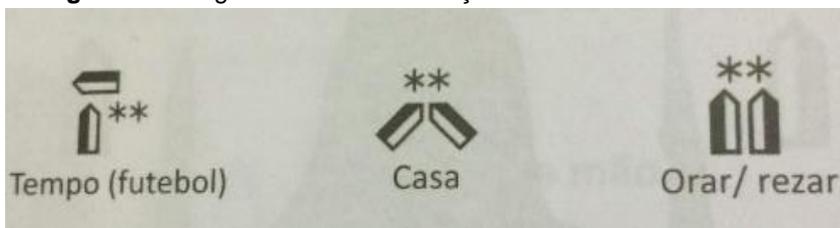
Ainda de acordo com o autor, subjetividade da escrita dos participantes se manifestou principalmente nas escolhas dos símbolos de contato e de movimento. Nas situações de variação, cada participante escreveu o mesmo sinal a partir da sua pronúncia com suas variações características de alofonia da língua.

À medida que o sistema de escrita se institui como uma forma legítima de representação da Libras, novas demandas de convenções ortográficas vão surgindo, o que exige dos usuários, professores e pesquisadores, reflexões constantes. O trabalho de Nobre (2011) é pioneiro nessa proposta.

Nesse sentido, Barreto e Barreto (2013) também apresentam algumas regras ortográficas do sistema *SignWriting* aplicadas à gramática da Libras. A seguir, elencamos algumas dessas regras. Tais regras estão relacionados tanto à **grafia do sinal**, considerando as configurações de mão, setas de movimento, os tipos de contato e as expressões não manuais; e quanto à **produção textual**, em relação à representação do uso do espaço de sinalização.

iv) Os símbolos de contato devem ser colocados próximo de onde as mãos se tocam, mas não devem ficar entre duas configurações de mãos nem entre a mão e uma parte do corpo. A figura 5, a seguir, ilustra esse padrão.

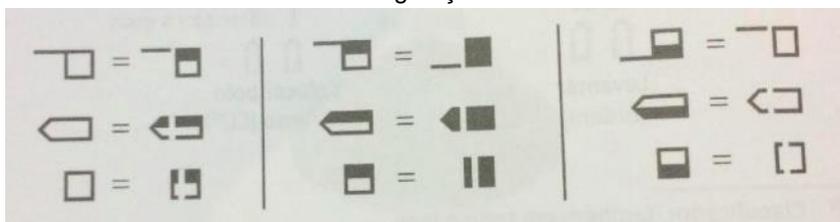
Figura 5 - Ortografia sobre a localização dos símbolos de contato



Fonte: Barreto e Barreto (2013, p. 54)

v) Quando a mão aponta para os lados, o símbolo que a representa pode ser escrito de dois pontos de vista. Isto significa que nestes casos há duas maneiras de escrever a mesma configuração. Neste caso, ainda há uma certa flexibilidade quanto ao uso das configurações de mão. A figura 6, a seguir, ilustra essa possibilidade.

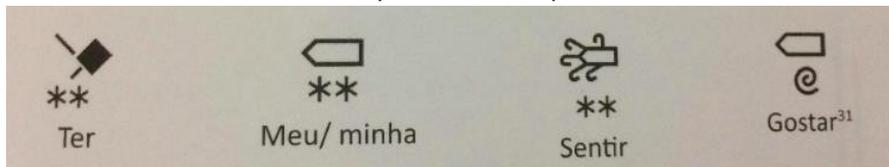
Figura 6 - Flexibilidade quanto ao uso de diferentes grafias para a mesma configuração de mão



Fonte: Barreto e Barreto (2013, p. 72)

vi) Caso uma mão toca o centro do peito, o símbolo de contato é escrito abaixo do símbolo que representa a mão. A figura 7, a seguir, ilustra esse padrão.

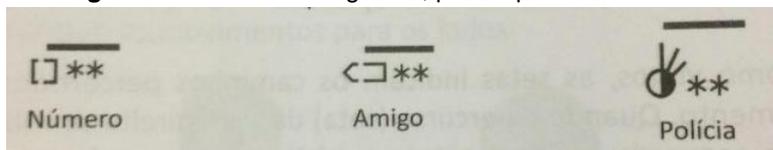
Figura 7 - Símbolo de contato abaixo do símbolo da Configuração de mão, caso toque o centro do peito



Fonte: Barreto e Barreto (2013, p. 73).

vii) Caso as mãos tocam um ou dois lados do peito, ou se movem ao lado do corpo, usa-se uma linha grossa para representar os ombros. O lado esquerdo da linha representa o seu ombro esquerdo e o direito, seu ombro direito. A figura 8, a seguir, ilustra esse padrão.

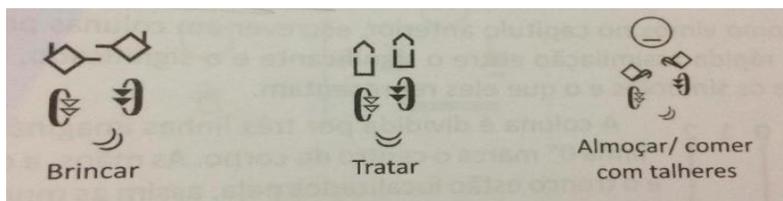
Figura 8 - Símbolo linha grossa, para representar o ombro



Fonte: Barreto e Barreto (2013, p. 74).

viii) Quando as mãos se movimentam alternadamente, as mãos e os símbolos de movimento devem ser levemente deslocados uns dos outros. Um fica um pouco mais acima que o outro. A figura 9, a seguir, ilustra esse padrão.

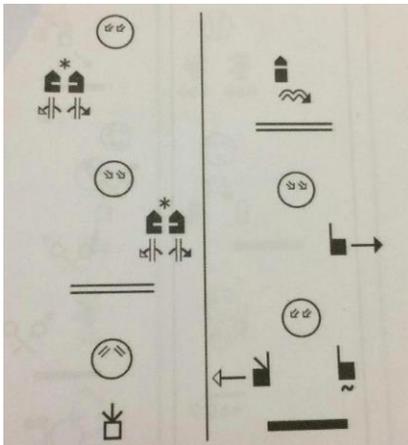
Figura 9 - Posição dos símbolos quando as mãos realizam movimento alternado



Fonte: Barreto e Barreto (2013, p. 93).

ix) A escrita é feita na vertical, de cima para baixo, em colunas, de forma que seja possível representar as relações gramaticais estabelecidas no espaço de sinalização. A figura 10, a seguir, ilustra esse padrão.

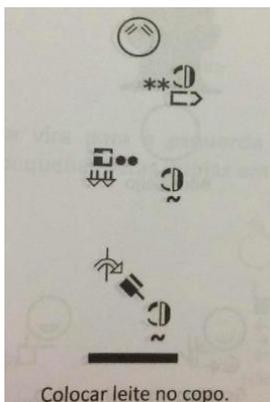
Figura 10 - Escrita na vertical, em colunas



Fonte: Barreto e Barreto (2013, p. 95).

x) Os classificadores são escritos utilizando-se o símbolo de tensão junto com a configuração de mão, indicando que uma mão se mantém firme para representar algo enquanto a outra faz outros sinais. A figura 11, a seguir, ilustra esse padrão.

Figura 11 - Escrita de classificadores e o uso do sinal de tensão



Fonte: Barreto e Barreto (2013, p. 163).

3 CONTEXTO LINGUÍSTICO DE LIBRAS E LINGUÍSTICA TEXTUAL

3.1 LINGUÍSTICA APLICADA E A PRODUÇÃO TEXTUAL DE LIVROS INFANTIS DA LITERATURA SURDA

A Linguística Aplicada é uma área de conhecimento importante para os estudos da linguagem, tendo em vista o seu papel na construção do conhecimento em relação às diversas formas de expressão dos indivíduos e das relações que estabelecem com as culturas através da escrita. A Linguística Aplicada procura aperfeiçoar as abordagens em torno do uso da linguagem e, para esta aproximação, requer um estreitamento com a Linguística. As diversas disciplinas que compõem a Linguística Aplicada podem contribuir com a Linguística.

A Linguística Aplicada busca investigar questões envolvendo também a literatura em geral, compreendendo que os textos não são produzidos ou traduzidos de forma aleatória ou desconexa de outras áreas do conhecimento, e sim, vinculadas às mais diversas áreas como a sociologia, educação, antropologia, psicologia, etc. Dentre as contribuições de áreas como a educação, por exemplo, estão os estudos sobre aprendizagens e desenvolvimento de competências de leitura e escrita. Pode-se exemplificar ainda as contribuições da sociologia com pesquisas envolvendo os contextos sociais, registros históricos e narrativas através da história oral ou registro documental. No que diz respeito à antropologia, com os estudos acerca do significado social dos acontecimentos retratados em imagens, colaboram para um entendimento mais amplo da Literatura. A psicologia, importante área de pesquisa, esclarece questões importantes acerca das produções literárias. Assim, Linguística Aplicada trouxe contribuições no sentido de apresentar os problemas linguísticos presentes nas atividades humanas mediadas pelas linguagens escritas e orais.

De acordo com Almeida Filho (2008), a Linguística Aplicada, juntamente com a linguística, investiga as diversas linguagens presentes na literatura, assim como a identidade do autor, a construção de significados presentes no texto, as questões socioculturais fomentados na obra e aspectos específicos da estrutura textual. No caso do texto em escrita de sinais, investiga ainda os vocábulos em escrita de sinais, coesão

em escrita de sinais, construção da identidade do autor de textos de Literatura Surda, entre outras questões.

De acordo com Dallan (2015), no livro *Cinderela Surda*²⁶, ocorreram adaptações para a cultura surda, que podemos identificar no caso das luvas que substituem os sapatos, contidos na história original, sendo cada uma das versões destinada a um determinado público, surdo e ouvinte, respectivamente. No caso do texto em escrita de sinais na obra, as omissões de determinados vocábulos, em relação ao texto em língua portuguesa incide em alguns estranhamentos ao leitor, visto que ele compara as versões. Devendo-se, portanto, serem obras produzidas e publicadas separadamente, ainda que a princípio, as histórias sejam as mesmas. No caso de o autor produzir uma obra inédita, não será necessário que ele se atenha em utilizar como referência a língua portuguesa, assim ele produzirá uma obra a partir da língua de sinais, podendo incluir também a escrita de sinais.

A Linguística Aplicada é representante importante nos estudos acerca do desenvolvimento da leitura e produção textual presente nos estudos linguísticos. A produção textual pode se alterar ou evoluir a partir da linguística aplicada, tendo em vista que parte-se dos estudos da linguagem para que essas alterações se efetivem. Outros campos de estudo também estão relacionados, como os estudos da tradução e interpretação, ensino de literatura, gênero e linguagem, produção de materiais didáticos para o ensino de línguas, entre outros. Podemos então definir a linguística aplicada como sendo uma área significativa de investigação.

No caso do Livro *Cinderela Surda*, trata-se de uma tradução, pois identifica-se nessa obra a presença de duas línguas, a língua portuguesa e a língua de sinais/escrita de sinais. Portanto, uma obra bilíngue. Além disso, essa é uma obra que compõem o campo Literatura Surda. Sendo está uma obra compreendida como um material didático, a linguística aplicada pode, portanto colaborar com uma investigação relacionada à diversas áreas de pesquisa.

Considero que o percurso da pesquisa em LA que utilizo pode ser caracterizado pelos

²⁶ Toda a obra pode ser visualizada no Anexo L.

pontos discutidos a seguir: trata-se de pesquisa: a) de natureza aplicada em Ciências Sociais; b) que focaliza a linguagem do ponto de vista processual; c) de natureza interdisciplinar e mediadora; d) que envolve formulação teórica; e) que utiliza métodos de investigação de base positivista e interpretativista (MOITA LOPES, 1996, p. 19).

Para a autora, a linguística aplicada tem como um dos focos o estudo dos problemas da linguagem que envolve escritores, leitores e a compreensão textual. Dessa forma, a linguística aplicada tem competências e procedimentos que envolvem a interação linguística, a identificação da concepção de linguagem e a gramática. A análise pode revelar construções de atividades como leitura, escrita, léxico e elaboração de livro didático, possíveis graças à contribuição da linguística aplicada. Esta pesquisa de mestrado trata justamente da produção textual de livro infantil de literatura surda e, neste caso, a inter-relação entre os estudos da linguagem, linguística e linguística aplicada são fundamentais.

A prática de análise linguística demonstrou que a produção textual possui princípios de organização, que envolvem coesão e coerência textual. Assim, esta pesquisa tem o intuito de colaborar no sentido de compreender os processos que envolvem essa organização no texto em escrita de sinais, pois reconhecemos que a leitura tem papel significativo no desenvolvimento dos sujeitos.

A prática de análise linguística dos livros infantis com escrita de sinais necessitam estar envolvidos em práticas de leitura, escrita e produção textual. Trata-se de um trabalho exaustivo de busca por soluções adequadas de elaboração de um texto. A autora Désirée Motta-Routh (2006) declara:

O primeiro princípio é de que o entendimento do ato de escrever como uma prática social pressupõe a diferenciação entre escrever como grafar e escrever como produzir texto e construir significados sócio-compartilhados. O segundo é de que, para que a produção textual seja uma prática

social, é necessário ter uma visão mais rica do ato de escrever em si: escrever não pressupõe apenas a produção do texto, mas também seu planejamento (antes), sua revisão e edição (depois) e seu subsequente consumo pela audiência-alvo, para que autor e leitor possam atingir seus objetivos de trocas simbólicas (MOTTA-ROUTH, 2006, p. 504).

Assim, a Linguística Aplicada pode investigar problemas relacionados à linguagem a fim de identificar quais caminhos escritores ou autores percorreram na produção de livros infantis.

De mesma forma, linguística textual é importante para a gramática, seja da Língua Portuguesa, seja da Língua Brasileira de Sinais. Para Dressler (1977), são poucos os problemas de gramática que não têm alguma relação com uma linguística do texto. Pondera que, na gramática do texto, estão contemplados vastas partes da morfologia, da fonologia e da lexicologia. Da mesma forma os textos produzidos em escrita de sinais têm ocorrências que a linguística textual pode contribuir para a compreensão destes fenômenos, pois a perspectiva interdisciplinar deste campo orienta e enriquece a discussão.

Segundo Stumpf (2005), para os sujeitos surdos, a escrita de sinais como sistema para poder escrever ou ler, baseada na língua de sinais, pode ajudar no conhecimento metalinguístico. Além disso os sujeitos surdos e a comunidade surda ao lerem livros infantis, onde são retratadas suas próprias histórias, desenvolvem conhecimentos de leitura de mundo. Nesse sentido, vincular as pesquisas em língua de sinais à linguística textual pode contribuir com a abordagem teórica em relação ao texto, principalmente ao texto produzido na escrita de sinais.

A investigação do texto em escrita de sinais se justifica na medida em que ele pode ajudar a entender o contexto de sua produção, como os fatores externos ao texto. Fávero e Koch (1983, p. 17) expõem que “a linguística textual não deve ser caracterizada em termos de certos métodos ou modelos, mas sim, do seu escopo, ou seja, dos tipos de objetos e de problemas que constituem o seu campo de estudo”. Assim sendo, diz Van Dijk (1978), não teria sentido tentar provar que a gramática de

texto ou a linguística textual são “incorretas”, já que elas resultam da decisão de se proceder a um estudo linguístico (gramatical) do discurso, decisão esta que necessita de legitimação, mas não pode ser “refutada”. Vale salientar que as questões propostas pelos autores acima citados são fundamentais e atende a proposta desta pesquisa, apontar características da produção de textos em escrita de sinais.

Ressaltamos a importância da emergência de uma linguística textual em escrita de sinais. Isso sugere também a emergência de uma gramática do texto em escrita de sinais, já que as palavras, frases e o texto devem ser empregadas de forma a haver compreensão, percepção dos objetivos do autor e renovadas interpretações, a partir da visão de mundo dos leitores.

Para o autor suíço Adam (2011), os planos de texto são importantes para a construção dos sentidos. Eles fazem parte, inclusive, do sistema de conhecimento dos grupos sociais, assim como os gêneros que circulam nas diversas esferas sociais, cumprindo suas funções. O plano de texto reflete a maneira como as informações estão organizadas no texto, indicando também a organização das sequências textuais, sempre de acordo com as intenções de quem escreve.

Desse ponto de vista, o plano de texto pode servir de ferramenta para planejar um texto a ser produzido; sua utilização poderá garantir maior coerência entre o que o produtor deseja escrever e o que ele escreverá efetivamente. Além do conhecimento da estrutura global do texto, também contribui para escrita e para a leitura o conhecimento de estruturas específicas, seja de um determinado gênero textual, seja de organizações sequenciais, pois perceber um princípio organizador do texto ajuda o leitor a inferir os efeitos de sentido desejados pelo produtor (MARQUESI; ELIAS; CABRAL, 2017, p. 15).

Segundo Marquesi, Elias e Cabral (2017), tanto para a compreensão como para elaborar a estrutura global de um texto,

recorrermos aos nossos conhecimentos linguísticos e textuais. Ademais, a escrita de sinais é importante para nós surdos e para a comunidade surda brasileira, e não pode ser entendida como insuficiente. Stumpf (2000) indica que

[...] a escrita de sinais é muito importante para nós, porque é a forma própria de escrever a língua de sinais. A comunidade surda que utiliza a língua de sinais merece ter também a sua escrita. Da mesma forma, as crianças devem escrever os sinais uma vez que usam a língua de sinais. A escrita de sinais apresenta todas as possibilidades de registro de qualquer outra forma escrita. Nós podemos escrever em sinais produções literárias, dramatizações, histórias infantis, poesias, piadas e também registrar nossa própria história. Além de tudo isso, a escrita de sinais é fundamental para entendermos melhor a gramática da LIBRAS e, inclusive, as gramáticas de outras línguas como a do português, por exemplo. Neste momento nós precisamos escrever e ler com a escrita de sinais, pois nossa comunidade já atingiu essa maturidade (STUMPF, 2000, p. 14).

Por isso, considera-se oportuna a emergência de uma linguística textual envolvendo a escrita de sinais, de forma a compreendermos o fenômeno linguístico através do texto escrito em língua de sinais e assim, aprimorarmos nossas práticas sociais.

3.2 COESÃO E COERÊNCIA TEXTUAL

De acordo com Koch e Travalgia (2001), a coesão textual se refere à ligação, a uma relação entre os elementos que constituem a superfície textual. Ou seja, é a liga que une os nexos que se estabelecem no texto. Para que isso aconteça, a coesão textual envolve uma série de conhecimentos, elementos e usos, investidos na produção de um texto compreensível. Ou seja, envolve aspectos linguísticos e o contexto da situação, para produção de sentido suficiente à elaboração de um texto coerente.

Assim, a coesão é revelada através de marcas, índices formais na estrutura da sequência do texto. É justamente isso que dá ao texto um caráter sequencial. Nas palavras dos autores,

[...] assinalando a conexão entre as diferentes partes do texto tendo em vista a ordem em que aparecem, a coesão é sintática e gramatical, mas também semântica, pois, em muitos casos, os mecanismos coesivos se baseiam numa relação entre os significados de elementos da superfície do texto, como na chamada coesão referencial (KOCH; TRAVALGIA, 2002, p.40).

Do ponto de vista semântico, Fávero (2002) explica que coesão se refere às relações de sentido que se estabelecem entre os enunciados que compõem o texto. Isso faz com que o entendimento de determinado elemento dependa do entendimento de outro elemento. A coesão também pode ser vista em uma perspectiva gramatical porque os significados estão codificados em formas léxico-gramaticais, que por sua vez, são expressas pelo sistema fonológico-ortográfico (FÁVERO, 2002).

Ainda de acordo com o autor, a coerência, diretamente relacionada com a coesão textual, está relacionada a um texto que permite os leitores estabelecerem um percurso com sentido durante a leitura, sendo capazes de perceber o todo. Dessa forma, a coerência está ligada ao princípio da interpretabilidade e ao princípio da inteligibilidade. É a coerência, através de vários fatores de coesão, que permite estabelecer relações entre as partes, em sequência, permitindo construir e perceber uma unidade significativa global. Portanto, é a coerência que dá textura à sequência linguística, fazendo com que uma sequência linguística se transforme em texto (KOCH; TRAVALGIA, 2002).

Assim, de acordo com Koch e Travalgia (2002) a coerência está relacionada com a linearidade do texto. Considerando que coesão é ligação, explicitada através de marcas linguísticas, a coerência é subjacente. É como se na superfície do texto houvesse várias pistas, para o estabelecimento dessa linearidade. Ou seja, a coesão ajuda a estabelecer a coerência

textual. Assim, há uma relação de bastante proximidade, entre coesão e coerência.

A relação entre coesão e coerência é um processo de mão dupla: na produção do texto se vai da coerência (profunda), a partir da intenção comunicativa, do pragmático até o sintático, ao superficial e linear da coesão e na compreensão do texto se percorre o caminho inverso das pistas linguísticas na superfície do texto à coerência profunda (KOCH; TRAVAGLIA, 2002, p.42).

Ainda de acordo com os Koch e Travaglia (2002), pode-se dizer que a coesão é uma manifestação da coerência, na superfície do texto. E que os elementos linguísticos que compõem a superfície do texto funcionam como pistas que o autor deixa para atender a sua intenção comunicativa. Essa intenção envolve materializar o desejo de o leitor ser capaz de recuperar a intenção comunicativa. Importante considerar que diferentes tipos de texto diferem quanto à quantidade e ao tipo de pistas, que são apresentadas ao receptor do texto, para elaboração de sentido e recuperação. Assim, diferentes textos exigem diferentes pistas, que por sua vez, exigirão diferentes tipos de compreensão.

Especificamente em relação à coesão textual, Koch (2002), Koch e Travaglia (2002) e Fávero (2002) estabelecem que há dois grandes tipos: a coesão referencial (ou referenciação) e a coesão sequencial (ou sequenciação).

A coesão referencial ou referenciação diz respeito a dois ou mais elementos do texto que remetem a (ou permitem recuperar) um mesmo referente. Nas palavras de Fávero (2002), há certos itens na língua que têm a função de estabelecer referência, ou seja, não são interpretados semanticamente por seu sentido próprio pois fazem referência a alguma coisa. A coesão referencial pode ser obtida por meio da substituição ou da reiteração. A substituição é quando a retomada de um referente é feita através da colocação de um item em lugar de outro elemento do texto, ou até mesmo, de uma oração inteira. A substituição pode acontecer por pró-forma, elipse ou conjunção. A reiteração é quando acontece a repetição do mesmo item lexical por sinônimos, por hiperônimo ou nomes mais genéricos.

A substituição referencial por pró-forma é quando um componente do texto é retomado ou precedido por um elemento gramatical representante de uma categoria. As pró-formas podem ser pronominais, verbais, adverbiais e numerais. Além disso, quando a pró-forma surge depois do referente, tem-se uma anáfora, quando surge antes, tem-se uma catáfora. A seguir, apresentamos exemplos de referenciação por pró-formas. Os exemplos são baseados em Fávero (2002).

- (1) Exemplo de pró-forma pronominal (sintagma).
Tenho um *automóvel*. Ele é verde.
- (2) Exemplo de pró-forma pronominal (frase).
Há a hipótese de *terem sido os asiáticos os primeiros habitantes da América*. Essa hipótese é bastante plausível.
- (3) Exemplo de pró-forma verbal
Lúcia *corre todos os dias no parque*. Patrícia faz o mesmo.
- (4) Exemplo de pró-forma verbal
Vou *emprestar-lhe dinheiro*, mas quero que saiba que se o faço é porque confio em você.
- (5) Exemplo de pró-forma adverbial
Paula não irá à *Europa*. Lá faz muito frio.
- (6) Exemplo de pró-forma adverbial
Pedro *comprou um carro novo*. José também.

De acordo com Koch (2002), a substituição por elipse acontece quando omite-se um item lexical, um sintagma, uma oração ou todo um enunciado, facilmente recuperáveis pelo contexto. Neste caso, a referenciação se dá por zero. Segue um exemplo:

- (7) Exemplo de elipse.
- Paulo vai com a gente ao shopping?
-  Vai 

Outra forma de coesão referencial por substituição é por conjunção, a autora explica que a conjunção permite estabelecer

relações significativas entre elementos ou orações do texto, que correlacionam o que está para ser dito com aquilo que já foi dito.

(8) Exemplo de conjunção

Eu comprei um carro novo, mas estava com defeito.
(Eu comprei um carro. *O carro* estava com defeito).

A coesão referencial por reiteração acontece através da repetição de um mesmo item lexical, de itens lexicais idênticos ou de itens que possuem o mesmo referente. Segue alguns exemplos também, baseados em Koch (2002).

(9) Exemplo de reiteração através da repetição do mesmo item lexical

O presidente viajou para o exterior. O presidente levou consigo uma grande comitiva.

(10) Exemplo de reiteração por hiperônimo

O avião ia levantar voo. O aparelho fazia um ruído ensurdecedor.

(11) Exemplo de reiteração por nomes genéricos

Todos ouviram um rumor de asas. Olharam para o alto e viram a coisa se aproximando.

De acordo com Koch e Travaglia (2002). A *coesão sequencial* diz respeito à progressão dos acontecimentos. Isso permite a manutenção da temática e também a linearidade e a ordenação de partes do texto. Isso pode ser feito através de elementos de coesão, que tem a função de progredir o texto, fazer caminhar o fluxo informacional. Essa sequenciação pode acontecer por elementos linguísticos, como tempos verbais, marcadores específicos (operadores discursivos) e elementos extralinguísticos, como a entonação. A própria justaposição de elementos promove essa sequencialidade.

Dessa forma, Marchuschi (2008) pontua que os fatores que promovem a conexão referencial e a conexão sequencial, pertencentes ao fenômeno da coesão, formam a textualidade. Para o autor, a coesão pode ser considerada o critério mais importante da textualidade.

3.3 REFERÊNCIA TEXTUAL EM LIBRAS

Sobre a referência nominal em Libras, Bolgueroni e Viotti (2013) fizeram um levantamento das formas utilizadas para a introdução e retomada de referentes no discurso sinalizado. A análise levou em consideração a identificação e a ativação dos conceitos dos referentes de um discurso. Neste caso, as autoras explicam que a concepção dos referentes pode estar ativa, acessível ou inativa. A concepção de um referente está ativa quando se está falando sobre ele em um dado momento do discurso; está acessível se está na periferia da consciência dos interlocutores; e está inativa quando está na memória de longo prazo, ou seja, não está no foco nem na periferia da consciência. Importante também considerar uso do corpo e do espaço de sinalização, neste processo de introdução e retomada. Para as autoras,

[...] apesar de os discursos sinalizados também evoluírem em uma língua temporal, eles se manifestam espacialmente, o que permite que os eventos a serem relatados e as personagens que deles participam se integrem conceitualmente a partes do espaço de sinalização, mantendo-se disponíveis para futura referência por algum tempo (BOLGUERONI; VIOTTI, 2013, p. 19).

Por conta da modalidade e deste uso produtivo do espaço de sinalização, a localização e movimento das mãos e do corpo no espaço de sinalização ganham significado no contexto de uso. Neste processo, gestos de apontamento são direcionados ao espaço do evento, sobreposto ao espaço físico imediato. É possível também que o sinalizante faça referência através da representação de ações e atitudes, valendo-se de diferentes posturas corporais, expressões faciais, movimentos do tronco, da cabeça, etc. Dessa forma, o uso de sinais nominais, apontamentos ou encenação do referente, são estratégias de codificação para introdução e retomada de participantes do discurso (BOLGUERONI; VIOTTI, 2013).

As autoras mencionam, conforme já explicitado anteriormente, um uso produtivo do espaço de sinalização.

[...] embora a introdução de personagens se faça prototipicamente por meio de sinais lexicais, esses sinais são imediatamente integrados a uma localização do cenário que está sendo construído, por meio: (i) da localização dos sinais em lugares não prototípicos, resultando na criação de tokens; (ii) de pantomimas, expressões faciais e marcas posturais, como mudanças na posição do tronco e da cabeça, resultando na emergência de sub-rogados; e (iii) de apontamentos direcionados a localizações do cenário, indicando a criação de um sub-rogado invisível. Neste caso, há uma parceria entre sinais lexicais e gestos para criar nominais referenciais. Entretanto, em algumas circunstâncias, é possível a criação de nominais construídos apenas de gestos, que funcionam igualmente bem como pontos de referenciais principais (BOLGUERONI; VIOTTI, 2013, p. 35-36).

As autoras pontuam ainda estreita relação entre gesto e língua, nas línguas sinalizadas, sobretudo para a organização do discurso. Vale ressaltar que esta análise acontece a partir do acesso a dados da língua (corp)oral, em uso, em que todo corpo do sinalizante esteve disponível. Certamente, alguns elementos se perdem no processo da escrita, mesmo em um sistema elaborado para representar uma língua de sinais. Nenhuma tecnologia de escrita contempla em completude o uso produtivo do corpo e do espaço de sinalização.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

Maria Cecília (1993) chama atenção sobre como fazer pesquisa.

Diferentemente da arte e da poesia que se concebem na inspiração, a pesquisa é um labor artesanal, que se não prescinde da criatividade, se realiza fundamentalmente por uma linguagem fundada em conceitos, proposições, métodos e técnicas” (MINAYO, 1993, p. 25).

Pesquisar é questionar, investigar, construir conhecimentos e processos envolvendo novas pesquisas. Segundo Maria Cecília (1993),

[...] a pesquisa é uma atividade básica das ciências na sua indagação e descoberta da realidade. É uma atitude prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente. É uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados (MINAYO, 1993, p. 23).

As atividades de descoberta da realidade da pesquisa, comprometendo-se em combinar as particularidades entre teoria e análise de dados, através de todas as etapas de investigação do livro literário *Cinderela Surda*, usados neste trabalho, promoveu uma reflexão sobre o que é coesão em escrita de sinais. Esta pesquisa objetivou identificar as estratégias de coesão referencial, ou seja, introdução e retomada de referentes; identificar as estratégias de conexão entre pontos relevantes da narrativa, e identificar elementos da gramática da Libras discursivo em *SignWriting*.

Para tanto, esta pesquisa tem abordagem qualitativa e descritiva. A metodologia de investigação do tipo descritiva, de acordo com a da autora Andrade (2001), pode ser utilizada o registro, análise e interpretação dos fenômenos estudados para procurar identificar os fatores determinantes ou causas. A autora

relata que, neste caso, se tem como objetivo aprofundar o conhecimento da realidade, procurando a razão, o porquê das coisas. Por isso, durante as investigações desta pesquisa, busca-se descrever principalmente obra as produções textuais em escrita de sinais.

Para a analisada coesão do texto em escrita de sinais, adotamos neste trabalho, para compor os dados de análise, escolhermos a obra da literatura surda intitulada *Cinderela Surda*. O interesse por essa obra se deve por ser a primeira obra publicação em escrita de sinais no Brasil, vinculada a fins comerciais. Ou seja, é a primeira obra brasileira, em escrita de sinais, colocada à venda.

Cinderela Surda possui uma versão bastante tradicional dos contos de fadas, retratando a cultura e identidade surda, acompanhada da escrita de sinais e língua portuguesa. Foi desenvolvida por Lodenir Karnopp, Carolina Hessel e Fabiano Rosa. A obra possui 36 páginas de textos impressos.

Para este estudo, uma pesquisa de abordagem qualitativa e descritiva, focamos nossa análise na estrutura do texto em escrita de sinais. A análise foi feita por uma pesquisadora, usuária do sistema *SignWriting*.

5 ANÁLISE DOS DADOS

De acordo com Fávero (2002), a coerência referencial pode ser feita por substituição (pro-forma, elipse, conjunção) e reiteração, conforme discutido na seção 3.2 desta dissertação. Nesta seção, apresentamos os resultados encontrado em nossa análise de dados. Em relação à coesão referencial e aspectos gramaticais da Libras em SigWriting na organização do texto em escrita de sinais

5.1 REFERENCIAÇÃO POR PRÓ-FORMAS

A seguir, apresentamos os fenômenos de referenciação por proformas encontrados durante a análise da obra Cinderela Surda. Na oportunidade, mencionamos se a pró-forma é uma anáfora ou catáfora. Os fenômenos de pró-formas encontrados foram pronomes, numerais e advérbios:

(1) Referenciação por pró-formas (pronome), na página 16 da obra.



CINDERELA VER ELES-3 IR FESTA

Tradução: Cinderela as viu irem para festa.

Neste trecho, há exemplo de referenciação por pró-forma (pronome). O sinal ELES-3  faz referência às personagens MADRASTA, IRMÃ 1 e IRMÃ 2, mencionadas anteriormente na narrativa. Desta forma, este sinal representa uma anáfora.

A seguir, ilustramos uma reconstrução do trecho da narrativa, sem a proforma, com os sinais de MADRASTRA, IRMÃ 1 e IRMÃ 2, apenas para ilustrar a função referencial deste sinal na narrativa.



CINDERELA VER MADRASTRA IRMÃ 1 IRMÃ 2 IR FESTA

Tradução: Cinderela viu a madrasta e as irmãs irem para festa.

(2) Referenciação por proformas (numeral), na página 10 da obra.



PROFORMA SINAL SINAL-NOME PROFORMA SINAL SINAL-NOME

Tradução: Sinal da primeira (irmãs) é este, e o sinal da segunda (irmã) é este.

O sinal é definido por Liddell (2003) como bóia de lista e faz referência à IRMÃ 1 . O sinal também é uma bóia e faz referência à IRMÃ 2 . De acordo com Liddell (2003), o termo bóia se refere à manutenção de parte do sinal por uma das mãos por um período superior ao de sua realização, enquanto o discurso segue articulado pela outra mão. O sinalizante pode atribuir um papel relevante à mão que permanece, como uma espécie de suporte semântico. A mão não dominante também pode adquirir a configuração de sinais numéricos, em que cada dígito é associado a uma entidade do contexto discursivo. Este parece ser o caso. A bóia se configura como uma lista.

Os dois sinais mencionados acima, são pró-formas e são considerados catáforas. Quando uma pro-forma surge depois do referente, tem-se uma anáfora, quando surge antes, tem-se uma catáfora.

(3) Referenciação por proformas (numeral), na página 22 da obra.



PRÍNCIPE VER UM MULHER BONITO É CINDERELA

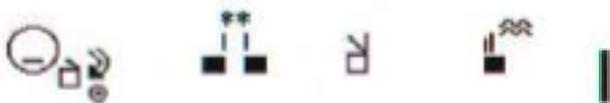
Tradução: O príncipe viu uma mulher bonita, era a cinderela.

O sinal é uma proforma (numeral) e faz referência à personagem Cinderela. Neste caso, este sinal é considerado uma catáfora.

(4) Referenciação por proformas (advérbio), sinal TAMBÉM, na página 10 da obra.



CINDERELA SEMPRE JUNTO MADRASTA SINAL

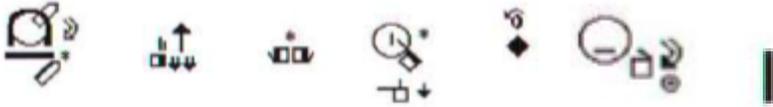


SINAL-NOME TAMBÉM DOIS IRMÃO

Tradução: Cinderela sempre morou com sua madraستا e também com duas irmãs.

Para ilustrar a função de referenciação do advérbio TAMBÉM, a organização desta construção, sem o sinal TAMBÉM, seria da seguinte forma:

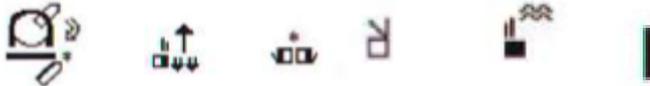
Frase 1:



CINDERELA SEMPRE JUNTO MADRASTA SINAL SINAL-NOME

Tradução: Cinderela sempre morou com sua madrastra.

Frase 2:



CINDERELA SEMPRE JUNTO DOIS IRMÃO

Tradução: Cinderela sempre morou com duas irmãs.

Desta forma, a pró-forma (advérbio) **TAMBÉM**  faz referência ao trecho    .

5.2 REFERENCIAÇÃO POR ELIPSE

Durante a análise da obra Cinderela Surda, identificamos o fenômeno de referenciação através de elipse. Os fenômenos encontrados foram tanto em verbos simples quanto em verbos de concordância na Libras. A seguir, apresentamos exemplos de elipse encontrados em Cinderela Surda.

(1) Elipse observado a partir do verbo GOSTAR, na página 6.



CINDERELA APRENDER LIBRAS GOSTAR SURDO CARINHO

Tradução: Cinderela aprendeu língua de sinais e gostava de estar com surdos.

O trecho acima é formado por duas orações justapostas. A primeira oração é formada pelo verbo APRENDER e possui explicitado o agente da ação, no caso, a personagem Cinderela. A segunda oração é formada pelo verbo GOSTAR que não tem marcação explícita do agente. Há uma elipse, que faz referência à personagem Cinderela.

(2) Elipse observado nos verbos ESTUDAR e APRENDER, na página 8 da obra.

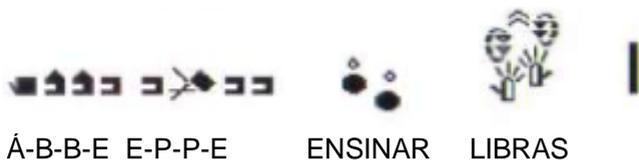


Tradução: O príncipe mora no castelo, onde estuda e aprende Libras [...].

O trecho acima também é formado por orações justapostas. As orações formadas pelos verbos ESTUDAR e APRENDER, respectivamente, não possuem explicitado o agente da ação, neste caso, a personagem Príncipe. O agente destas ações é o personagem Príncipe, referenciada através de elipse.

(3) Elipse observado no verbo ENSINAR, na página 8 da obra.





Tradução: [...] estuda e aprende Libras) junto com o professor
Abbade l'Épée que ensina Libras.

O trecho acima é formado pelo verbo de concordância ENSINAR. Na construção, há explicitado o agente da ação, neste caso, o personagem PROFESSOR. Mas, o participante que recebe a instrução do professor, neste caso o personagem PRÍNCIPE, não é explicitado. Há uma elipse, que faz referência a este participante. Desta forma, o personagem PRÍNCIPE é referenciado por uma elipse.

(4) Elipse observado no verbo PROVOCAR, na página 12 da obra.



Tradução: As irmãs não faziam nada, apenas provocavam (a cinderela)
mas não eram entendidas (não havia comunicação).

O trecho acima, na segunda linha, há o verbo de concordância PROVOCAR. Na construção com o verbo, não é explicitado o agente da ação, neste caso, as personagens IRMÃ 1 e IRMÃ 2, nem o participante que recebe a ação, neste caso a personagem CINDERELA. Há uma elipse, que faz referência a

estes participantes. Desta forma, os personagens IRMÃ 1, IRMÃ 2 e CINDERELA são referenciados por elipse.

(5) Elipse observado no verbo RECEBER, na página 14 da obra.



Tradução: De repente, receberam uma carta sobre uma festa que haverá à noite, no castelo do príncipe.

O trecho acima, há uma elipse em relação ao verbo RECEBER. Na construção com o verbo, não é explicitado o agente da ação, neste caso, as personagens MADRASTA, IRMÃ 1 e IRMÃ 2, que recebem uma carta. Dessa forma, a elipse faz referência a estes participantes.

(6) Elipse observado no verbo de concordância AJUDAR, na página 18 da obra.

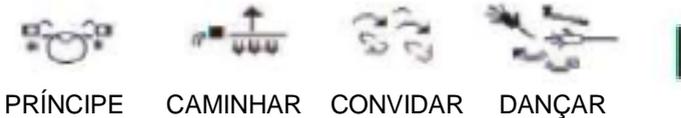


Tradução: O rato e o gato ajudam a consolar (Cinderela).

Na construção acima, o verbo AJUDAR possui os argumentos RATO e GATO como agentes da ação. Estes participantes estão explicitados. Mas, o participante que recebe a

ação não está explicitado. Neste caso, há uma elipse que faz referência à personagem CINDERELA.

- (7) Elipse observado no verbo de concordância CONVIDAR, na página 22 da obra.



Tradução: O príncipe foi até Cinderela e (a) convidou para dançar.

Na construção acima, o verbo de concordância CONVIDAR possui o argumento PRÍNCIPE como agente da ação. Este participante está explicitado. Mas, o participante que recebe a ação de convidar não está explicitado. Neste caso, há uma elipse que faz referência à personagem CINDERELA.

- (8) Elipse observado no verbo de concordância AVISAR, na página 22 da obra.



Tradução: Cinderela se assustou e avisou que é surda.

No trecho acima, o verbo de concordância AVISAR tem explícito o agente da ação, neste caso, a personagem CINDERELA mas, o participante que recebe a ação, neste caso o personagem PRÍNCIPE, não está explicitado. Há uma elipse, que faz referência a este participante. Desta forma, o personagem PRÍNCIPE é referenciado por elipse.

(9) Elipse observado no verbo CORRER, na página 26 da obra.



CINDERELA SUSTO NERVOSA RÁPIDO IR-EMBORA

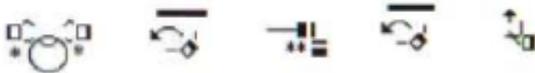


CORRER IR CASA

Tradução: Cinderela se assustou, ficou nervosa e rapidamente foi embora. Correu para casa.

No trecho acima, o verbo CORRER não tem explícito o agente da ação, neste caso, a personagem CINDERELA. Há uma elipse, que faz referência a esta participante. Assim, a personagem CINDERELA é referenciada por elipse.

(10) Elipse observado no verbo de concordância AVISAR, na página 26 da obra.



PRÍNCIPE AVISAR ESPERAR AVISAR SEU



LUVA NÃO-CONSEGUIR DAR CINDERELA

Tradução: O Príncipe avisou (Cinderela) para esperar, (o Príncipe) avisou (a Cinderela) que não entregou as luvas para Cinderela.

No trecho acima, o verbo de concordância AVISAR aparece duas vezes. No primeiro caso (na primeira linha), o verbo AVISAR tem explícito o agente da ação, neste caso, o personagem PRÍNCIPE mas, o participante que recebe a ação, neste caso a personagem CINDERELA, não está explicitado. Há uma elipse, que faz referência a este participante. Desta forma, a personagem CINDERELA é referenciada por elipse.

No segundo caso (ainda na primeira linha), o verbo AVISAR não tem explícito nem o agente da ação, neste caso, o personagem PRÍNCIPE, nem o participante que recebe a ação, neste caso a personagem CINDERELA. Há uma elipse, que faz referência a estes participantes. Desta forma, os personagens PRÍNCIPE e CINDERELA são referenciados por elipse.

(11) Elipse no verbo de concordância DAR, na página 26 da obra.



Tradução: O Príncipe avisou (Cinderela) para esperar, (o Príncipe) avisou (a Cinderela) que não entregou as luvas para Cinderela.

No trecho acima, o verbo de concordância DAR, na segunda linha, não tem explícito o agente da ação, neste caso, o personagem PRÍNCIPE mas, o participante que recebe a ação, neste caso a personagem CINDERELA está explícito. Há uma elipse, que faz referência ao primeiro participante. Desta forma, o personagem PRÍNCIPE é referenciada por elipse.

(12) Elipse no verbo IR, na página 26 da obra.



HOMEM IR 3x CASA

Tradução: O homem foi em várias casas.

No trecho acima, o verbo de IR é articulado de maneira repetida, em pontos diferentes do espaço de sinalização. Neste caso, há elipse, pois o final de cada trajetória de movimento há marcação explícita do local. A referência a uma determinada localidade (residência) que ele irá visitar acontece por elipse.

(13) Elipse no verbo FINGIR, na página 28 da obra.



HOMEM DAR LUVA IRMÃ 1 IRMÃ2



NÃO CERTO É FINGIR SURDO

Tradução: O homem deu a luva para as irmãs mas não serviu, fingiram que eram surdas.

O verbo FINGIR, na segunda linha, não possui explícito o agente da ação, no caso, as personagens IRMÃ 1 e IRMÃ 2. Há uma elipse, que faz referência a estas participantes. Desta forma, as personagens IRMÃ 1 e IRMÃ 2 são referenciadas por elipse.

5.3 REFERENCIAÇÃO POR CONJUNÇÃO

Na análise de dados, encontramos 5 (cinco) exemplos de referenciação por conjunção, em Cinderela Surda. As ocorrências foram encontradas nas 12 páginas, 14 páginas, 16 páginas e 28 páginas. Apresentamos, a seguir, os exemplos de referenciação por conjunção.

(1) Referenciação por uso da conjunção MAS, na página 12 da obra.



IRMÃ 1 IRMÃ 2 FAZER NADA SÓ



PROVOCAR MAS NÃO-COMUNICAÇÃO

Tradução: As irmãs não faziam nada, apenas provocavam (a cinderela) mas não eram entendidas (não havia comunicação).

A organização desta construção, sem a conjunção, MAS, seria da seguinte forma:

Frase 1:



IRMÃ 1 IRMÃ 2 FAZER NADA SÓ PROVOCAR

Tradução: As irmãs não faziam nada, apenas provocavam (a cinderela).

Frase 2:



IRMÃ 1 IRMÃ 2 NÃO-COMUNICAÇÃO CINDERELA

Tradução: As irmãs não eram entendidas (não havia comunicação).

Dessa forma, a conjunção, MAS  na sentença faz referência às personagens irmã 1 e à irmã 2 .

(2) Referenciação por uso da conjunção PORQUE, na página 14 da obra.

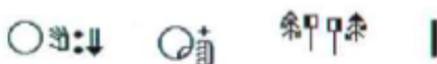


IRMÃ 1 IRMÃ 2 ANSIOSA PORQUE TER FESTA

Tradução: As irmãs ficaram ansiosas porque há uma festa.

A organização desta construção, sem a conjunção PORQUE, seria da seguinte forma:

Frase 1:



IRMÃ 1 IRMÃ 2 ANSIOSA

Tradução: As irmãs ficaram ansiosas.

Frase 2:



Tradução: As irmãs tinham uma festa.

A conjunção PORQUE  na sentença faz referência às personagens irmã 1 e à irmã 2 .

(3) Referenciação por uso da conjunção MAS, na página 16 da obra.



Tradução: As irmãs se arrumaram mas ficaram feias.

A organização desta oração, sem a conjunção MAS, seria da seguinte forma:

Frase 1:



Tradução: As irmãs se arrumaram.

Frase 2:



IRMÃ 1



IRMÃ 2



FEIO

Tradução: As irmãs ficaram feias.

Mais uma vez, a conjunção MAS  na sentença faz referencia às personagens irmã 1 e à irmã 2  .

(4) Referenciação por uso da conjunção PORQUE, na página 16 da obra.

Frase 1:



CINDERELA TRISTE PORQUE NÃO-TER VESTIDO BONITO

Tradução: Cinderela ficou triste porque não tinha um vestido bonito.

A organização desta oração, sem a conjunção PORQUE, seria da seguinte forma:

Frase 1:



CINDERELA TRISTE

Tradução: Cinderela ficou triste porque não tinha um vestido bonito.

Frase 2:



CINDERELA NÃO-TER VESTIDO BONITO

Tradução: Cinderela não tinha um vestido bonito.

Dessa forma, a conjunção PORQUE  na sentença faz referência à personagem  .

(5) Referenciação por uso da conjunção MAS, na página 28 da obra.



HOMEM DAR LUVA IRMÃ 1 IRMÃ2



NÃO CERTO É FINGIR SURDO



MAS NÃO-CONSEGUIR LUVA

Tradução: O homem deu a luva para as irmãs e não serviu, fingiram que eram surdas mas não conseguiram vestir a luva.

A organização desta construção, sem a conjunção MAS, seria da seguinte forma:

Frase 1:



Tradução: O homem deu a luva para as irmãs mas não serviu, fingiram que eram surdas

Frase 2:



Tradução: As irmãs não conseguiram vestir a luva.

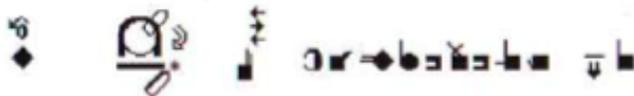
Dessa forma, a conjunção MAS  na sentença faz referência às personagens IRMÃ 1 e IRMÃ 2  .

5.4 REFERENCIAÇÃO POR REITERAÇÃO

A seguir, apresentamos os fenômenos de referenciação por reiteração, encontrados durante a análise da obra Cinderela Surda. Os personagens que são referenciados, após a primeira introdução são Cinderela, Fada, Príncipe e Funcionário do Príncipe. Em todos os casos, o fenômeno de reiteração aconteceu por repetição da mesma forma nominal do sinal das personagens.

A reiteração da personagem Cinderela acontece nas páginas 6, 10, 16, 18, 22, 26, e 30 da obra. O trecho a seguir ilustra a reiteração presente na página 6.

(1) Reiteração da personagem Cinderela, na página 6 da obra.



SINAL CINDERELA NOME C-I-N-D-E-R-E-L-A É



SURDO BONITO LEGAL CINDERELA APRENDER

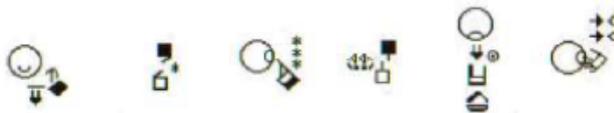


LIBRAS AMIGO SURDO CARINHO

Tradução: Cinderela é surda, bonita e legal. Cinderela aprendeu Libras com amigo surdo.

A reiteração da personagem Fada acontece na página 20. O trecho a seguir ilustra esta reiteração.

(2) Reiteração da personagem Fada, na página 20 da obra.



FADA FAZER RATO TROCAR HOMEM GATO



TROCAR CAVALO ABOBORA TROCAR CARRUAGEM



FADA AVISAR CINDERELA

Tradução: A Fada transformou o rato em homem, o gato em cavalo e a abóbora em carruagem. A Fada avisou Cinderela [...].

A reiteração do personagem Príncipe acontece na página 22, por duas vezes. O trecho a seguir ilustra a primeira reiteração.

(3) Reiteração do personagem Príncipe, na página 22 da obra.



PRÍNCIPE VER 3X MUITO PESSOAS



PRÍNCIPE VER UM MULHER BONIT@

Tradução: O Príncipe viu muitas pessoas, o Príncipe viu uma mulher surda [...].

A reiteração do personagem Funcionário do Príncipe acontece na página 28 também por duas vezes. O trecho a seguir ilustra a segunda reiteração.

(4) Reiteração do personagem Funcionário do Príncipe, na página 28 da obra.



Tradução: O funcionário do Príncipe foi à casa de Cinderela [...]. O funcionário viu Cinderela.

5.5 COESÃO SEQUENCIAL DO TEXTO

O texto da obra é dividido em partes menores, explicitamente divididas através da presença de imagens. Essas imagens separam o texto em trechos e fornece ao leitor um contexto da situação. Isso favorece a inferência e a construção de sentido que surge no texto em *SignWriting* e também marca a ideia de sequencialidade, com a justaposição das partes. A figura 12, a seguir, ilustra a primeira imagem da parte da história.

Figura 12 - Imagem da primeira parte da história



Fonte: Hessel, Karnopp e Rosa (2003, p. 7).

O quadro 2, a seguir, ilustra as partes da obra, que são intercaladas por imagens, promovendo dessa forma uma coesão sequencial.

Quadro 2 - Trechos da história Cinderela Surda

PARTE 1 – Apresentação da cinderela
PARTE 2- Apresentação do príncipe e do professor.
PARTE 3 – Morte do pai de Cinderela e apresentação da madrasta e irmãs
PARTE 4 – Cinderela é explorada na casa da madrasta. Sem comunicação
PARTE 5 – Convite para a festa
PARTE 6 – Preparando para a festa. Cinderela está triste
PARTE 7 – A aparição da fada
PARTE 8 – Transformação da carruagem, homem e cavalo
PARTE 9 – Príncipe convida Cinderela para dançar
PARTE 10 – É quase meia noite
PARTE 11 – Cinderela foge, porque já é meia noite
PARTE 12 – Experimentar a luva, se serve ou não.
PARTE 13 – A luva serviu em Cinderela
PARTE 14 – Príncipe e Cinderela se casaram.

Fonte: Baseado em Hessel, Karnopp e Rosa (2003).

Durante a análise do texto, não percebemos a presença de sinais que marcam advérbios de tempo, para estabelecer uma sequência temporal entre as situações descritas ao longo da obra. Tais sinais também são importantes para marcar coerência textual. Conforme mencionado anteriormente, na obra, isso está construído através da presença de imagens que intercalam os eventos, proporcionando, assim, uma sequencialidade.

O sinal SUSTO, que introduz a parte 5 e está presente na parte 7, logo após uma pausa, parece desempenhar a função de um elemento coesivo de sequenciação, que introduz o

surgimento de um fato inesperado. No texto este sinal, está com a função de criar uma expectativa no leitor e está presente, em momentos importantes da narrativa, como a chegada do convite e a aparição da fada. O sinal ACONTECER também parece marcar algo inesperado na narrativa. Este sinal pode ser observado na página 24 da obra. Estes dois sinais podem ser considerados marcadores discursivos. O sinal SUSTO e o sinal ACONTECER estão ilustrados na figura 13, a seguir.

Figura 13 - Sinal SUSTO e ACONTECER que introduz um fato novo, inesperado



Fonte: Hessel, Karnopp e Rosa (2003, p. 14 e 24)

5.6 O ESPAÇO DE SINALIZAÇÃO

De acordo com Barreto e Barreto (2013), a escrita de sinais pelo sistema *SignWriting* é feita na vertical, de cima para baixo, em colunas, de forma que seja possível representar as relações gramaticais estabelecidas no espaço de sinalização.

A obra *Cinderela Surda* está escrita na horizontal, da direita pela esquerda. Acreditamos que o uso da escrita na vertical, em colunas, poderia favorecer a referência de personagens em sequência. No texto, há referência à MADRASTA, IRMÃ 1 e IRMÃ 2, em alguns momentos à IRMÃ 1 e IRMÃ 2, e também ao GATO e ao RATO, de maneira sequencial. Isso seria favorecido caso os sinais dessas personagens fossem escritos na vertical, explicitando uma marcação espacial brevemente à direita, no centro e à esquerda, respectivamente. A figura 14, a seguir, ilustra a enumeração das personagens IRMÃ 1, IRMÃ 2 e MADRASTA, na horizontal, sem a marcação espacial. Caso o texto estivesse organizado em colunas, de cima para baixo, poderia explicitar o uso do espaço de sinalização.

Figura 14 - Enumeração das personagens IRMÃ 1, IRMÃ 2 e MADRASTA



Fonte: Hessel, Karnopp e Rosa (2003, p. 30)

Da mesma forma, na página 8, há a presença do verbo de concordância ENSINAR e a menção aos personagens PRÍNCIPE e PROFESSOR. O trecho informa que o príncipe aprendeu junto com o professor e que este ensinou o príncipe. O verbo ENSINAR e os nomes PRÍNCIPE e PROFESSOR poderiam evidenciar o uso do espaço de sinalização, tão presente nas línguas de sinais.

Figura 15 - Sinal ENSINAR



Fonte: Hessel, Karnopp e Rosa (2003, p. 8).

A presença de mecanismos espaciais durante a escrita também poderia estar presente na página 20, em que há menção aos vários personagens que são transformados pela fada. Assim, a retomada dos personagens poderia ser feita através de pró-formas, ou apontamentos, ou por elipse.

5.7 ORTOGRAFIA EM SIGN WRITING E COESÃO TEXTUAL

Na página 6, o sinal BONITO é escrito demonstrando uma expressão facial de alegria, de sorriso. O uso do símbolo cabeça com essa feição é pertinente, por estar na Parte 1 da história, em que há apresentação da personagem Cinderela. Neste caso, além de mostrar a beleza da personagem, este sinal também demonstra o estado de alegria de Cinderela. O sinal BONITO foi

grafado de mesma maneira (com símbolo de cabeça demonstrando sorriso), na página 16, linha 4. Este trecho está ilustrado na Figura 16, a seguir.

Figura 16 - Sinal BONITO



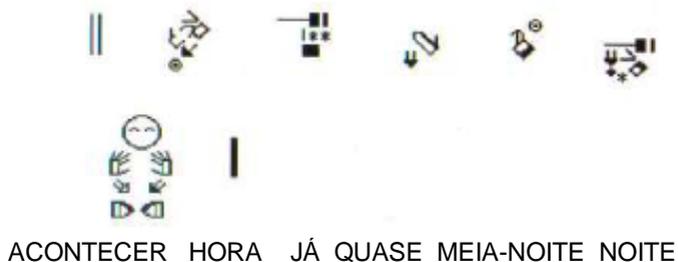
Tradução: Cinderela está triste porque não tem um vestido bonito.

Fonte: Hessel, Karnopp e Rosa (2003, p. 16).

Neste caso, por se tratar de um atributo relacionado ao participante VESTIDO, um referente inanimado, o sinal BONITO poderia ser grafado com o símbolo de cabeça neutro.

Na página 24, o uso do sinal QUASE, poderia ter sido grafado com símbolo de cabeça, para marcar a ideia de urgência, ou apreensão. Este trecho está ilustrado na Figura 17, a seguir.

Figura 17 - Sinal QUASE



Tradução: O relógio já marcava quase meia-noite.

Fonte: Hessel, Karnopp e Rosa (2003, p. 24)

Na página 26, em Cinderela Surda, o sinal DAR é articulado com as duas mãos, de maneira simultânea. Consideramos que este sinal poderia ser articulado com apenas uma mão, conforme discutido por Wanderley (2017). A autora propõe que o sinal DAR seja grafado apenas com uma mão, de

maneira monomaneira, quando a construção envolver apenas um participante (agente). No trecho discutido, o agente responsável pela ação de dar é o personagem PRÍNCIPE, ou seja, apenas um participante. Por isso, neste contexto, consideramos ser incoerente a articulação de DAR com duas mãos.

A seguir, ilustramos o trecho em que o verbo DAR é articulado com as duas mãos.

Figura 18 - Sinal DAR (sem coesão)



Tradução: O Príncipe avisou (Cinderela) para esperar, (o Príncipe) avisou (a Cinderela) que não entregou as luvas.

Fonte: Hessel, Karnopp e Rosa (2003, p. 26)

Na página 28, em Cinderela Surda, o sinal IR é articulado de maneira repetida, de forma que o agente se desloca em direção à várias localidades. Mas, na frase, há menção de que o agente (o Funcionário do Príncipe) foi apenas à casa de Cinderela. Dessa forma, consideramos que este sinal poderia ter sido articulado apenas uma vez, já que o agente se direciona apenas a uma localidade.

A seguir, ilustramos o trecho em que o verbo IR é articulado com repetição.

Figura 19 - Sinal IR (sem coesão)



Tradução: O funcionário do Príncipe foi à casa de Cinderela.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura é um grande desafio para sujeitos surdos, principalmente, de uma segunda língua na modalidade oral-auditiva. Para os surdos não é uma tarefa fácil. Quando se pensa em uma escrita fluída, que permita representação dos próprios pensamentos e imaginação, bem como as habilidades cognitivas provenientes do uso de uma escrita, a prioridade está na escrita de sinais.

Dessa forma, precisamos pensar em promover a circulação de informações em escrita de sinais. A escrita da língua portuguesa tem seu papel que lhe é de direito na sociedade. Precisamos pensar em legitimar espaços para escrita de sinais. A escrita de sinais para surdos estimula sua imaginação e também o surgimento de diferentes artefatos. Por isso a necessidade urgente de usos sociais para a escrita de sinais.

A nossa língua, a Libras, também é uma língua brasileira. Dessa forma os surdos têm o direito de fazer uso de uma escrita de sinais, um sistema que contempla a especificidade de organização de uma língua de modalidade gestual-visual. E assim, através da leitura os usuários da escrita de sinais podem acessar informações e acontecimentos do mundo, além de desenvolver o raciocínio da capacidade de interpretação e outras habilidades provenientes do uso de um sistema de escrita.

A escrita de sinais está em difusão no Brasil e a tendência é que seu uso seja cada vez mais institucionalizado, através da implementação de um ensino bilíngue e da manutenção de ambientes acessíveis. Isso envolve circulação da Libras e da escrita de sinais de maneira intensa, em uma dimensão cada vez mais satisfatória.

Nesse sentido, há uma demanda urgente por pesquisas sobre a escrita de sinais, em busca de um sistema cada vez mais funcional e que atenda às demandas sociais de seus usuários. Além disso, precisamos de mais discussões sobre uso, ensino e aprendizagem da escrita de sinais por surdos e ouvintes. Por isso, consideramos que esta pesquisa é uma contribuição nesse sentido, já que descreve como acontece a coesão referencial na obra Cinderela Surda. Isso permite conhecermos, de maneira mais objetiva, alguns aspectos que promovem a coerência referencial de textos em escrita de sinais.

Os objetivos deste trabalho, intitulado “Cinderela Surda, um estudo sobre a coesão textual em escrita da Língua Brasileira de Sinais – *SignWriting*”, foram identificar as estratégias de introdução e retomada de personagens no texto, identificar as estratégias para ligação entre partes relevantes da narrativa e identificar elementos da ortografia da escrita de sinais relacionados a coesão textual.

Em relação à introdução e retomada de referentes (coesão referencial), observamos que o texto em escrita de sinais é bastante produtivo. Identificamos estratégias tanto de substituição quanto de reiteração. Sobre as estratégias de substituição, a obra Cinderela Surda apresenta referenciação por (1) pró-formas (pronomes, numerais e advérbios), tanto anáfora quanto catáfora. Observamos também substituição por (2) elipse, tanto em verbos simples quanto em verbos de concordância. Além dessas, observamos também substituição por (3) conjunção, através dos sinais, MAS e PORQUE. Por último, alguns dos referentes da obra Cinderela Surda foram retomados por (4) reiteração, através da repetição de seus respectivos sinais (mesma forma fonológica).

Em relação à integração de partes da história, identificamos os sinais SUSTO e ACONTECER como itens lexicais que antecipam ao leitor a introdução de um elemento novo da narrativa. Ou seja, funcionam como um marcador de sequenciação, a introduzir algo inesperado na história.

Sobre a ortografia, pontuamos que o uso de símbolo de rosto, em escrita de sinais, pode quebrar a coesão textual, na medida em que pode transmitir ao leitor a característica do estado do participante. O sinal BONITO, por exemplo, poderia ser grafado com o símbolo de rosto neutro.

Em alguns momentos, consideramos que alguns sinais poderiam ser grafados de maneira a identificar apenas uma das mãos, como o sinal DAR. E em determinado momento, o sinal IR poderia ser grafado sem a repetição, de forma a promover uma coerência gramatical de número plural. Ainda em relação à coesão gramatical, ressaltamos a importância da escrita de sinais ser organizada em colunas, de cima para baixo, de forma a contemplar de maneira mais evidente, o comportamento espacial da Libras.

Os desafios da produção textual em escrita de sinais contribuem para incentivar autores surdos e ouvintes a

publicarem e atualizarem seus trabalhos. Dessa forma, garantiremos aos surdos o acesso ao universo da leitura o quanto antes, de forma que não falem palavras, não falem textos e seja oferecido leituras das mais diversas para pessoas surdas. Além disso, publicações em Escrita de Sinais servem como registro e, num futuro, corpus de pesquisa em literatura e linguística que, por sua vez, poderão contribuir com produções acadêmicas sobre a Libras.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. Crise, transposição e mudança no currículo de formação de professores de línguas. In: FORTKAMP, Malice Borges Mota; TOMICH, Lêda Maria Braga. **Aspectos da linguística aplicada: Estudos em homenagem ao Professor Hilário Inácio Bohn**. Florianópolis: Insular, 2008. p. 33-47.

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à Metodologia do Trabalho Científico**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2001.

ANTUNES, Irlandé. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ARAÚJO, M. M. de M. **O poema em Libras “Bandeira brasileira”** de Nelson Pimenta a partir de um ponto de vista formal. *Sinalizar*, Goiânia, v. 1, n. 2, p. 179-189, jul.-dez, 2016.

BARRETO, M. BARRETO, R. **Escrita de Sinais sem Mistérios**. Volume 1. Belo Horizonte: Edição do Autor, 2012.

BETHELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. 36. ed. Rio de Janeiro, 2014.

BRASIL. **Lei nº 13.005**, de 25 de junho de 2014, aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm>. Acesso em: 28 ago. 2017.

_____. **Lei nº 10.436**, de 24 de abril de 2002, dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei10436.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2017.

_____. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 28 ago. 2017.

_____. **Lei nº 9394**, de 20 de dezembro de 1996, cap. V.
Disponível em: <
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em:
28 de agosto de 2017.

BOLGUERONI, T.; VIOTTI, E. Referência nominal em língua de
sinais brasileira (Libras). **Todas as Letras**, v. 15, n. 1, 2013.

COLASANTI, M. **Fragatas para terras distantes**. Rio de
Janeiro: Record, 2004.

CUMMINS, J. ***Bilingual children's mother tongue: why is it
important for education?***. Disponível em:
<<http://www.iteachilearn.com/cummins>>. Acesso em: 5 jul. 2017.

DALLAN, M. S. S. et al. Era uma vez uma Cinderela Surda”: uma
análise da releitura do clássico, em Escrita de Sinais. **ETD -
Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 17, n. 2, p. 355-
376, ago. 2015. Disponível em:
<<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8635694>>. Acesso em: 31 ago. 2015.

CURRENT trends in textlinguistics. v. 2. Berlin, New York: de
Gruyter, 1977

DIJK, T. A. V. **Some aspects of text grammar**. Paris, The
Hague, Mouton, 1978.

FÁVERO, L. L.; KOCH, I. V. **Linguística textual: uma
introdução**. São Paulo: Cortez, 1983.

FÁVERO, L. L. **Coesão e coerência textuais**. 9 ed. São Paulo:
Ática, 2002.

FILHO, J. N. G. **Concepção de infância e literatura infantil**.
Revista Linha d' Água. 2009.

GOMES, Cristiane. **Literatura infantil**. Disponível em:
<<https://www.infoescola.com/literatura/literatura-infantil/>>. Acesso
em: 17 fev. 2018

HAYES, J. R.; FLOWER, L. S. Identifying the organization of writing process. In: GREGG, L. W.; STEINBERG, E. R. (Orgs.). **Cognitive processes in writing**. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1980.

HEssel, C. ROSA, F. KARNOOP, L. **Cinderela Surda**. Canoas: Ed. ULBRA, 2003.

HEssel, C. KARNOOP, L. Humor na cultura surda: análise de piadas. **Textura Canoas**, v. 18, n. 37, p.169-189, maio/ago, 2016

KARNOOP, L. B. Língua de sinais na educação dos surdos. In: THOMA, A. da S.; LOPES, M. C. (Orgs). **A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. p. 128-142.

KARNOOP, L. B. Literatura Surda. **ETD - Educação Temática Digital**, v. 7, n. 2, 98-109, 2006. Disponível em: <<https://www.ssoar.info/ssoar/handle/document/10162>>. Acesso em: 4 fev. 2017.

KOCH, I. V; TRAVALGIA, L. C. **A coerência textual**. 12. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

KOCH, I. V. **A coesão Textual**. São Paulo: Contexto, 1989.

_____; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Compreender: os sentidos do texto**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARQUESI, S. C. ELIAS, V. M.; CABRAL, A. L. T. **Planos de texto, sequências textuais e orientação argumentativa**. (2017). Site. Disponível em: <http://img.travessa.com.br/capitulo/contexto/linguistica_textual_e_ensino-9788572449915.pdf>. Acesso em: 4 fev. 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec, 1993.

MOITA LOPES, L. P. da. **Oficina de Linguística Aplicada**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 1996.

MORAIS, C. D. Diferenças e semelhanças de escrita da língua brasileira de sinais em SignWriting. **Revista da Abralin**, v. 14, n. 3, p. 293-314, jul./dez., 2015.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gênero e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MOTTA-ROTH, D. O ensino de produção textual com base em atividades sociais e gêneros textuais. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 6, p. 495-517, set/dez. 2006.

MOURÃO, C. H. N. **Literatura Surda**: a produção cultural de surdos em Língua de Sinais. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

NOBRE, R. S. **O processo de grafia da língua de sinais**: uma análise fono-morfológica da escrita em *signwriting*. 2011. 203 fls. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

PEIXOTO, Janaína Aguiar. **O registro da beleza nas mãos**: a tradição de produções poéticas em língua de sinais no Brasil. 2016. 286 fls. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

PERLIN, G. T. T. Identidades Surdas. In: SKLIAR, C. (Org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. 7. ed. Porto Alegre: Mediação, 2015. p. 51-73.

PERLIN, G. MIRANDA, W. Surdos: o narrar e a política. **Ponto de Vista**, Florianópolis, n. 5, p. 217-226, 2003.

QUADROS, Ronice Muller; PERLIN, Gladis (Orgs.). **Estudos Surdos II**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.

QUADROS, Ronice Muller; SUTTON- SPENCER, Rachel. Poesia em lingual de sinais: traços da identidade surda. In: QUADROS,

Ronice Muller. **Estudos surdos I**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006. p. 109-165.

RODRIGUES, R. H.; CERUTTI-RIZZATTI. **Linguística Aplicada: ensino de língua materna**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

SERRANO, G. P. **Investigación cualitativa**. Retos e interrogantes: I métodos. Madrid: Editorial La Muralla, 1998.

SILVA, I. F. **Analisando o processo de leitura de uma possível escrita da língua de sinais: SignWriting**. Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação na Linha Educação e Processos Inclusivos da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

STUMPF, M. R. **Aprendizagem de Escrita de Língua de Sinais pelo sistema SignWriting**: línguas de sinais no papel e no computador. Tese de doutorado em Informática na Educação. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

_____. **Lições sobre SignWriting**. Florianópolis: [s.e.], 2000.

_____. **SignWriting no Brasil**. 2010. Disponível em: <<https://escritadesinais.wordpress.com/page/2/>>. Acesso em: 24 out. 2017.

WANDERLEY, Débora Campos. **A classificação dos verbos com concordância da língua brasileira de sinais**: Uma análise a partir do Signwriting. 2017. 336 fls. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

ANEXOS

ANEXO A - Tese de Doutorado por Carolina Nóbrega

RESUMO

A tese tem como sua temática principal a organização de textos religiosos em Libras, separados em Literários e Informativos, com o fim de identificar o uso dos temas na Literatura Surda. A base da pesquisa se respalda nos teóricos da Literatura Surda, Tradução, Produção Textual e Religião como Peters (2000), Sutton-Spence (2005), Mourão (2011), Oustinoff (2011), Jakobson (1971), Leite (2010), Assis Silva (2012), Wigles e Colombo (1979), entre outros. A investigação apresenta análises baseadas no questionário com doze surdos evangélicos de diversas regiões do Brasil. Todos evangélicos e frequentadores de suas igrejas, sujeitos da pesquisa, relatam suas observações acerca dos vídeos escolhidos nas redes sociais e em DVD. Para problematizar, é preciso levantar questões de uso do texto religioso como quais são as categorias necessárias para os textos sagrados? Por que essas estratégias são utilizadas e em que momentos do texto? Há possibilidade de a pessoa surda compreender o texto religioso em Libras sem o uso do português? São essas questões que nos levam a realizar pesquisas as quais abordam categorias organizadas. Os objetivos da tese é analisar e categorizar as produções digitais dos textos religiosos; analisar, na Libras, o uso dos léxicos comparativos entre diferentes textos religiosos; e destacar os textos religiosos categorizados para os tipos de textos Literários e Informativos em Libras. No desenvolvimento da pesquisa, são analisados os vídeos e, estes, categorizados por Figura, Figurino, Tradução, Narrativa e Criação, com base de teorias e depoimentos coletados dos informantes. Por fim, espera-se que os textos religiosos em Libras possam ser categorizados e inseridos, como uma contribuição Literária, na Literatura Surda.

Palavras-chave: Literatura Surda; texto religioso Literário e Informativo; tradução.

ANEXO B - Dissertação de mestrado por Fabiano Rosa

Resumo

ROSA, Fabiano Souto. **Literatura Surda: O que sinalizam professores surdos sobre livros digitais em Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS.** 2011. 159f. Dissertação – Programa Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas – RS.

Esta pesquisa pretende analisar o que professores surdos sinalizam sobre livros digitais em Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Existem vários materiais disponíveis em Libras, porém meu enfoque é apenas para os livros digitais. Para tal, foram selecionadas seis histórias no formato digital, sinalizadas em Libras (dentre elas traduções, adaptações e produções) e apresentadas para seis professores surdos de diferentes regiões do Estado do Rio Grande do Sul. Estes professores selecionados possuem formação na área de educação, foram acadêmicos do curso de Letras/Libras, e atuam como professores de Libras em diferentes níveis educacionais. Os educadores assistiram aos vídeos e sinalizaram suas impressões baseadas em perguntas que exploravam a parte técnica do vídeo, a sinalização, as marcas surdas presentes na história e a sua importância quando utilizada para a educação de crianças surdas. Para realizar esta pesquisa, baseei-me nos Estudos Culturais e nos Estudos Surdos, percebendo a Literatura Surda como parte da Cultura Surda e imprescindível para a aquisição de uma identidade surda. Da análise das entrevistas, surgiram diversas opiniões que apontam para um novo momento na vida dos surdos e também algumas modificações importantes quando se pensa em produzir novas histórias em Libras, contribuindo para melhoria da Literatura Surda disponível em nosso país.

Palavras-chaves: Literatura Surda, Livros Digitais em Libras e Educação de Surdos.

ANEXO C - Dissertação de mestrado por Janete Müller

RESUMO

Nesta dissertação apresento uma investigação acerca dos marcadores culturais em produções editoriais de surdos, considerando obras que circulam em português escrito, destinadas ao público juvenil e adulto. Vinculada aos Estudos Culturais em Educação, discuto o problema de pesquisa: como as produções culturais surdas, que circulam em português escrito no mercado editorial brasileiro, possibilitam a construção de marcadores culturais? Assim, objetivo: mapear e investigar as produções culturais de surdos publicadas em português escrito; b) discutir marcadores culturais surdos, considerando posições identitárias, de comunidades e de usos das línguas; c) problematizar a constituição de representações surdas que circulam nas obras analisadas. Após a leitura de dez livros produzidos por surdos, a narrativa da experiência de si e a identidade surda como uma diferença sobressaem-se como marcas culturais das produções editoriais surdas. A produção da identidade/diferença surda se dá principalmente pela experiência do olhar, uso das línguas de sinais, tradução cultural através da escrita em línguas orais e a participação em comunidades e lutas, que marcam a(s) cultura(s) surda(s). Além disso, essa produção identitária se processa através de representações que circulam nas obras, inclusive constituindo outros marcadores culturais das publicações: a denúncia do silêncio e de estereótipos e, diante disso, a capacidade de superação e o sucesso dos sujeitos surdos. A produção da identidade e da diferença surda é, por sua vez, consumida pelos sujeitos, conduzindo suas condutas através da regulação que se dá através da cultura. Observa-se, ainda, que as marcas que emergem das obras surdas analisadas aproximam-se às produções de outros sujeitos culturalmente considerados 'diferentes'.

Palavras-chave: Cultura(s) Surda(s); Educação de Surdos; Estudos Surdos; Estudos Culturais em Educação.

ANEXO D - Dissertação de Mestrado por Cláudio Mourão

RESUMO

Com o propósito de investigar a manifestação das produções culturais dos surdos em histórias que são contadas em Libras, o foco da pesquisa é a análise da forma como os surdos vêm apresentando e construindo a Literatura Surda, com foco na língua de sinais. A partir disso, os objetivos são desdobrados na análise das temáticas e do uso da língua de sinais, ou seja: verificar quais histórias os surdos têm contado, como são caracterizadas essas histórias e quais são os temas apresentados, e analisar o uso da língua de sinais e os recursos expressivos utilizados. A base teórica foi buscada nos Estudos Culturais e Estudos Surdos, em autores como Hall (1997), Karnopp (2006, 2010), Quadros (2004), Klein e Lunardi (2006), Sutton-Spence (2008), Lopes e Thoma (2004), Perlin (2004), Silveira (2006), Strobel (2008). O material empírico que subsidia a investigação foi obtido através das atividades desenvolvidas por alunos do Curso de Licenciatura em Letras-Libras, ensino à distância, da Universidade Federal de Santa Catarina. Optei pela coleta de materiais produzidos (filmados, disponíveis em DVDs) na disciplina de Literatura Surda e, além disso, realizei entrevistas que subsidiaram a análise dos textos produzidos em Libras, verificando o depoimento dos alunos sobre as histórias selecionadas, o uso da língua de sinais e dos recursos expressivos utilizados. As produções analisadas se dividiram em traduções e adaptações de histórias conhecidas, incluindo personagens surdos, procurando marcar uma produção da cultura surda..

Palavras-chave: Cultura Surda, Estudos Culturais, Estudos Surdos, Libras, Literatura Surda.

ANEXO E - Tese de Doutorado por Cláudio Mourão

RESUMO

Nesta tese, desenvolvo a temática sobre a experiência das mãos literárias de sujeitos surdos, geradores de valores culturais e vinculados à Literatura Surda. Tenho como base contribuições de pesquisas desenvolvidas no campo dos Estudos Culturais em Educação e dos Estudos Surdos, tais como as contribuições de Wrigley (1996), Hall (2007 e 2011), Karnopp, Klein e Lunardi-Lazzarin (2011), Ladd (2013), Silva (2014), Larrosa (2015) e outros. A partir da análise de entrevistas realizadas com representantes da comunidade surda, que de alguma forma estão relacionados com a Literatura Surda, investigo suas experiências literárias em línguas de sinais. O problema de pesquisa que apresento para investigação é o seguinte: como vêm sendo narradas as experiências de surdos com as mãos literárias? Tenho como finalidade investigar as representações de Literatura Surda, a partir dessas entrevistas. Deste modo, como objetivo geral pretendo analisar a experiência de surdos com a Literatura Surda, e como sua trajetória influenciou sua constituição como produtor de literatura. A pesquisa tem uma abordagem qualitativa e utiliza entrevistas semi-estruturadas realizadas com nove surdos brasileiros e três estrangeiros. Nos resultados das análises, destaco a forma como os entrevistados utilizam o conceito de Literatura Surda e Literatura em Língua de Sinais, com evidência de utilização das mãos literárias entre os surdos em encontros, festivais e escolas residenciais. As experiências dos entrevistados ocorreram por meio de sua formação literária, que foram sendo absorvidas pela sua identificação cultural e pertencimento à comunidade surda. Por fim o papel da Literatura Surda é narrado como uma forma de compartilhamento em diferentes espaços, tanto em ambientes formais quanto informais, com um público diversificado. Através da análise dos dados foram registradas suas experiências literárias em línguas de sinais. Com esta pesquisa espera-se dar visibilidade à Literatura Surda e às experiências de surdos em mãos literárias, contribuindo para a educação de surdos.

Palavras-chave: **Estudos Culturais em Educação. Estudos Surdos. Experiência. Literatura Surda.**

ANEXO F - Dissertação de Mestrado por Guilherme Nichols

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo verificar como as crianças surdas se relacionam com o gênero literário das fábulas em língua de sinais, analisando a compreensão de histórias narradas por surdos e ouvintes, em vídeos. Existem vários materiais disponíveis em Libras, porém realizou-se a escolha de três modelos específicos para a pesquisa. Selecionaram-se seis fábulas no formato de vídeo, sinalizadas em Libras. O primeiro modelo tem o narrador na tela inteira e fundo sem imagem; o segundo traz o narrador em janela pequena e fundo com imagem; o terceiro tem o narrador em balão ao lado do texto e fundo com a imagem. As histórias foram apresentadas para os alunos do quinto ano de uma escola particular bilingue para surdos de um município do estado de São Paulo. Os alunos assistiram às fábulas e sinalizaram e responderam em grupo, a perguntas realizadas pelo pesquisador. Com base em observações das enunciações dos alunos surdos, analisou-se sua compreensão, verificando, também, como a literatura influencia sua constituição subjetiva. Esta pesquisa fundamentou-se nos estudos de psicanálise, nos estudos culturais e nos estudos surdos, entendendo a literatura surda como parte da Experiência Cultural Surda. Como resultado, verificou-se que as crianças demonstraram boa compreensão das fábulas e que a experiência de contato com narrativas em Libras no contexto da educação bilingue é essencial para seu desenvolvimento linguístico. Também se observou que valores éticos e aspectos culturais são assimilados pelas crianças surdas a partir da literatura, sendo um importante fator na constituição da subjetividade.

Palavras-chave: Libras; Cultura Surda; Literatura Surda.

ANEXO G - Tese de Doutorado por Carolina Hessel

RESUMO

A tese focaliza a temática do humor surdo, considerado como um componente da cultura surda. Busca seu aporte teórico nos Estudos Culturais e nos Estudos Surdos, além dos estudos sobre o humor. Sua questão central é: quais representações de surdos e características da cultura surda estão presentes em piadas que circulam nas comunidades surdas? Seus objetivos são analisar um conjunto de piadas consideradas clássicas pela comunidade surda, contrastando suas diferentes versões e identificando aspectos de humor preferentemente explorados. Principais critérios para escolha das piadas foram: ter personagens surdos e/ou temas da cultura surda; ter versão preferencialmente em Libras; apresentar mais de uma versão (de 4 a 6); ter tradição na comunidade surda. Foram analisadas 14 piadas, num total de 78 versões, com predominância de versões em vídeo, da internet ou de DVDs, mas também retiradas de material bibliográfico. A análise foi inspirada em pesquisadores da cultura surda (Strobel, 2009), do humor (Propp, 1992; Possenti, 1998; Bergson 1980), de representação (Hall, 1997), de identidade (Silva, 2000) e, especificamente, do humor surdo (Rutherford, 1983); Holcomb (1994); Renard & Lapalu (1997); Morgado (2011); Sutton-Spence & Napoli (2012). A análise qualitativa mostrou que a maioria das piadas apresenta temáticas relacionadas ao problema de comunicação, em situações em que o ouvinte não sabe Língua de Sinais. Neste caso, o humor atua no sentido de inverter os discursos correntes, em que os surdos são representados como tendo "dificuldade de comunicação". Tais piadas integram a categoria "Rir dos outros", em que a fonte do riso são as diferenças entre as experiências surdas e as experiências ouvintes. Nas primeiras, avulta o uso de línguas de sinais e a experiência visual, e o barulho não incomoda. Por outro lado, as piadas apresentam ouvintes atrapalhados com o uso da língua de sinais e/ou incomodados com o barulho. Rir dos ouvintes, dentro do chamado "riso de zombaria", é frequente nas piadas. Elas manifestam também a importância da visibilidade, da experiência visual, com destaque para as vantagens de ser surdo, isto é, para o ganho surdo, que às vezes decorre de atitudes benevolentes de ouvintes, que são caridosos e não cobram dos surdos, ou do fato de que personagens surdos não são perturbados por barulhos e gritos. Outro grupo de piadas envolve o riso sobre coisas do próprio grupo, enquadradas na categoria "rir de nós mesmos", abrangendo aquelas que apontam situações vantajosas ou situações que envolvem a urgência dos ouvintes em se livrarem da convivência com surdos. Também se enquadram nesta categoria piadas que exploram, de forma cômica, possíveis acidentes que uma comunicação com as mãos pode trazer, em função do espaço necessário para a realização dos sinais. As análises possibilitam concluir que as piadas surdas, algumas com décadas de tradição, além de provocarem riso, favorecem o sentimento de pertencimento a um grupo. Elas constituem parte da agenda de luta da comunidade surda, proporcionando alegria de viver e o fortalecimento do grupo e exercendo uma pedagogia cultural nesta comunidade, pedagogia relacionada à forma/necessidade/vontade de pertencimento ao grupo.

Palavras-chave: Literatura Surda. Humor. Língua de Sinais. Língua Brasileira de Sinais. Surdo.

ANEXO H - Dissertação de Mestrado por Claudete Marques das Neves

RESUMO:

A proposta desta dissertação é apresentar a Literatura Surda como um elemento da cultura surda na busca e no fortalecimento da sua identidade. A função social da Literatura utilizada pelos povos descolonizados parece ser também observada na literatura surda. Por meio dos estudos pós-coloniais se verifica o papel da Literatura como elemento de resgate da identidade e fortalecimento da cultura de um povo. A dissertação foi sistematizada com os seguintes desdobramentos: o percurso do surdo na busca pelo reconhecimento de sua língua, a abordagem educacional que valoriza a língua de sinais: o bilinguismo; e, que através de uma concepção sócio-antropológica da surdez é possível vislumbrar o direito de reconhecimento de uma literatura surda. Por conseguinte, abordamos em termos gerais a função social que a literatura possui, tanto para os povos descolonizados, como para comunidade surda. E, por fim, abordamos a invisibilidade cultural e literária evidenciado em ambas, devido o processo de colonização. Seria, então, a literatura surda uma literatura descolonizadora?

Palavras – chave: Literatura surda . Literatura pós-colonial . Cultura e identidade surda.

RESUMO

As inovações tecnológicas, notadamente a possibilidade de registro e compartilhamento de vídeos tem favorecido a pesquisa de produções literárias em língua de sinais. A Literatura Surda tem origem nas manifestações folclóricas da comunidade surda, por meio de contação de histórias e piadas. A partir do registro dessas produções em vídeo, tornou-se possível realizar análises que identificaram padrões de regularidade e criatividade no uso da língua entre outras características. O objeto de análise apresentado nesse trabalho são poemas de Nelson Pimenta (2011/1999) e Alan Henry(2011). A análise dessa produção tem como objetivos buscar o reconhecimento e valorização da produção do poeta surdo, assim como identificar exemplos de uso criativo da língua. A metodologia consistiu numa análise detalhada dos poemas em vídeo, buscando características encontradas anteriormente em outras produções literárias, principalmente nos estudos de Sutton-Spence (2007), da literatura em BSL (Língua de Sinais Britânica) e Valli (1993), da literatura em ASL (Língua de Sinais Americana).

Palavras-chaves: Libras, Poesia, Simetria, Tradução.

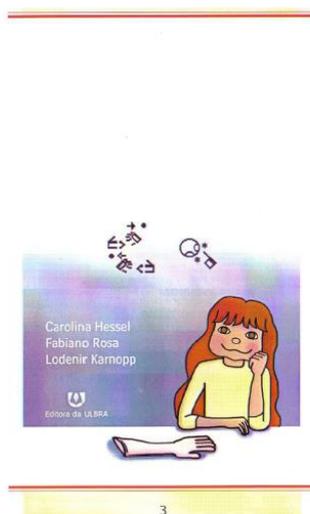
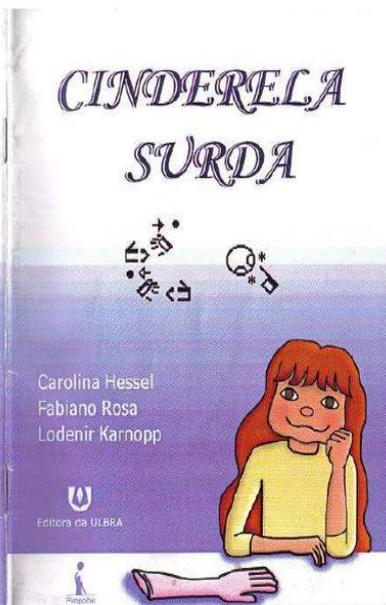
ANEXO J - Dissertação de Mestrado por Nelson Pimenta de Castro

RESUMO

Nesta dissertação, é demonstrado como a linguagem cinematográfica e as narrativas de fábulas em língua de sinais podem ser relacionadas em seus aspectos de construção imagética e, a partir daí, é feita a proposta de que as fábulas podem ser traduzidas do português para a língua de sinais preservando o que tem em comum do ponto de vista imagético, para que os educadores e intérpretes de língua de sinais, surdos e ouvintes, possam fazer uso disto para proporcionar desenvolvimento cognitivo aos alunos surdos.

Palavras-chave: LIBRAS, linguagem cine-visual, fábulas, retextualização, tradução.

ANEXO L – LIVRO CINDERELA SURDA



© dos autores
Direitos reservados desta edição:
Universidade Luterana do Brasil

Ilustrações: Carolina Hessel

Editora da ULBRA
Capa e projeto gráfico:
Escritora Marlene Fracalza
Revisão:
Luís Carlos Oppermann

Filial nº 2:



H587c
Hessel, Carolina
Cinderela surda / Carolina Hessel, Fabiano Rosa e Lodenir
Karnopp. — Canoas: Ed. ULBRA, 2003.
39 p. (Série Pipitoko)

I. Literatura infantil. I. Rosa, Fabiano. II. Karnopp, Lodenir.
III. Série pipitoko. IV. I.

CCU 82-93

Apresentação

Não sabemos quem contou esta história pela primeira vez. Ela foi sendo recontada entre os surdos e nós resolvemos registrar e divulgar este belo texto.

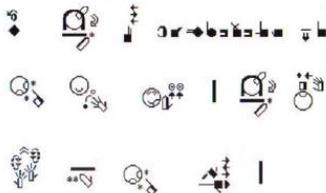
A maioria das pessoas conhece a clássica história da Cinderela. Nosso objetivo, neste texto é recontar essa história a partir de uma outra cultura, uma cultura surda. Assim, este livro foi construído a partir de uma experiência visual, com imagens, com o texto reescrito dentro da cultura e identidade surda e da escrita da língua de sinais, conhecido também como sign writing.

Utilizamos a escrita dos sinais para que textos dos clássicos da literatura sejam também lidos em língua de sinais pelos surdos. Cabe registrar que, no texto, as palavras em letras maiúsculas representam os sinais.

Cinderela é uma jovem surda, que convive com a madrasta e as irmãs que sabem pouco a língua de sinais. O encontro com o príncipe é surpreendente, pois ele é surdo e comunica-se com Cinderela em sinais.

Agradecemos, por fim, a todas as pessoas que colaboraram na realização deste livro, em especial à Marianne Stumpf, a comunidade de surdos e o Laboratório de Pesquisa em Estudos Surdos da Universidade Luterana do Brasil.

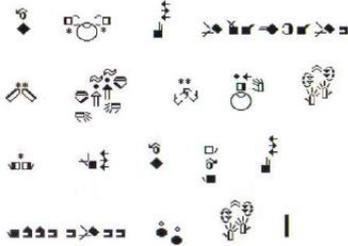
Carolina, Fabiano e Lodenir



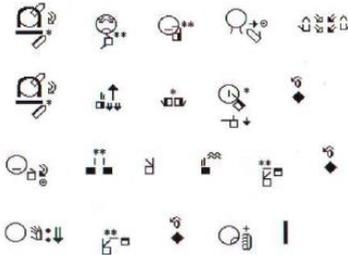
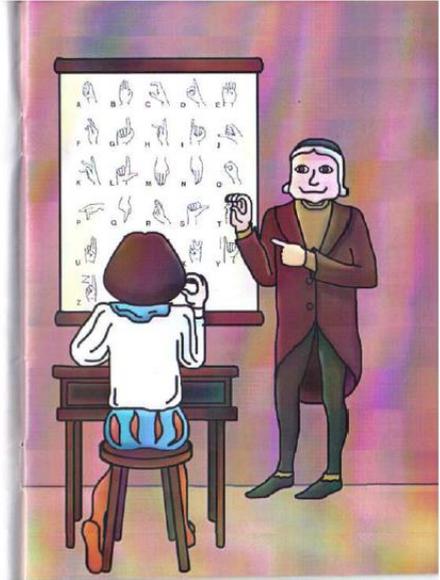
Cinderela e o Príncipe eram surdos e aprenderam a Língua de Sinais Francesa quando eram pequenos.

Cinderela era filha de nobres franceses e aprendeu a Língua de Sinais com a comunidade de surdos, nas ruas de Paris.

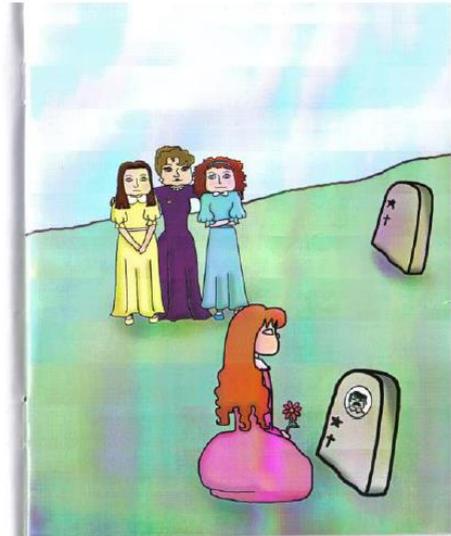




O rei e a rainha contrataram o mestre LeEspéa para ensinar a Língua de Sinais Francesa ao Príncipe herdeiro do trono.



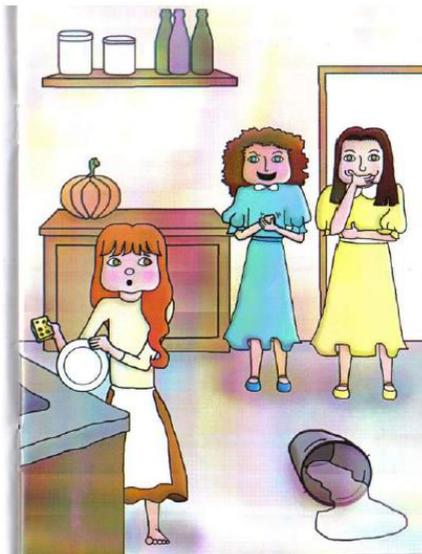
Cinderela era uma jovem surda, linda e bondosa. Sua mãe morreu quando ela era criança. O pai de Cinderela casou-se novamente, ficou doente e, em seguida, morreu. A madrasta era malvada e egoísta e tinha duas filhas que só sabiam mandar e nada fazer. Cinderela era a única que trabalhava.





Cinderela limpava e cozinhava, mas a madrasta e as irmãs nunca estavam satisfeitas. A comunicação entre elas era difícil, pois a madrasta e as irmãs só faziam poucos sinais.

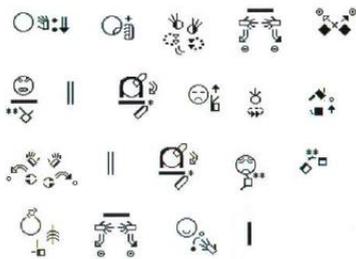
12



Um dia, chegou uma carta. Era um convite do príncipe para um grande baile, porque o príncipe queria encontrar uma moça para se casar. A madrasta ficou feliz, pois queria que uma de suas filhas se casasse com o príncipe.

14





No dia do baile, a madrasta vestiu as duas filhas com roupas bonitas, mas elas não ficaram bem. Cinderela pediu para ir junto, mas a madrasta não permitiu.

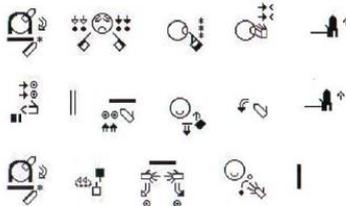
Cinderela implorou:

- Por favor, deixe-me ir com vocês!
- Não, você não pode ir conosco! Você não tem roupa bonita! Disseram as irmãs.
- Tchau, Cinderela!

16



17 a Cinderela se prepara para ir ao baile com a fada mágica

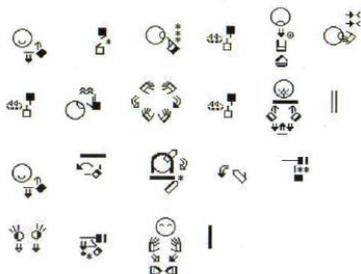


Todas elas saíram e Cinderela ficou triste, chorando. De repente, SURPRESA! Apareceu uma fada atrás de Cinderela!

- NÃO CHORE, QUERIDA, SOU UMA FADA E QUERO AJUDÁ-LA. VOCE VAI AO BAILE, COM ROUPA BONITA, COM LUVAS ROSA, EM UMA LINDA CARROÇINHA COM CONDUTOR - disse a fada, em sinais, para a Cinderela.

18



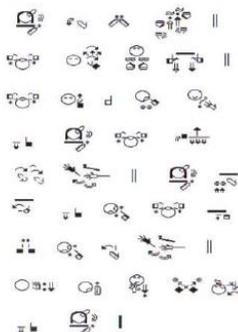
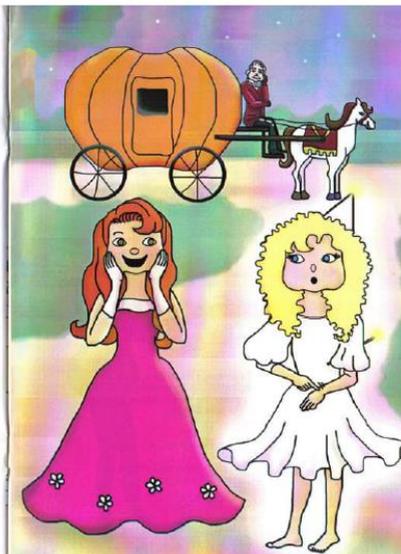


Assim, a fada transformou a roupa simples de Cinderela em um lindo vestido de baile, colocou em suas mãos lindas luvas rosa, transformou a abóbora em carruagem, o gato em cavalo e o rato em condutor.

E a fada sinalizou:

- ATENÇÃO: À MEIA-NOITE VOCÊ DEVERÁ VOLTAR PARA CASA, POIS NESTA HORA A MÁGICA ACABARÁ! AGORA VÁ E DIVIRTA-SE BASTANTE!

20



Cinderela chegou atrasada na festa e chamou a atenção de todos, principalmente do príncipe.

O príncipe foi ao encontro de Cinderela, estendeu a mão, convidando-a para dançar.

Cinderela sinalizou:

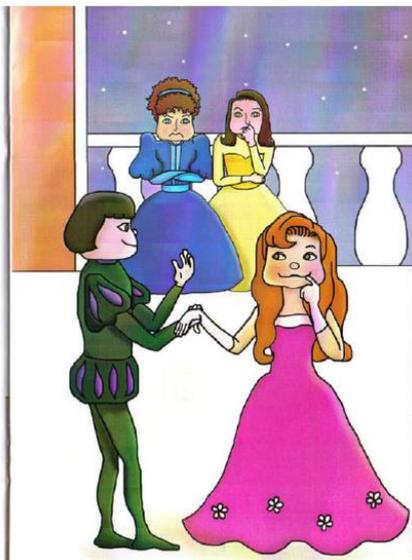
- SOU SURDA!

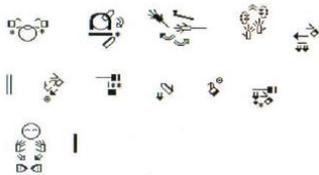
E o príncipe, surpreso, respondeu, em sinais:

- EU TAMBÉM SOU SURDO!

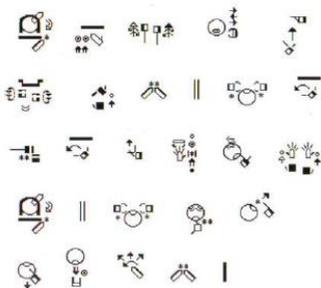
Felizes, o príncipe e a Cinderela dançaram e conversaram a noite toda, sem perceber o tempo a passar...

22





De repente, Cinderela olhou para o relógio da parede e viu que já era quase meia-noite. Com medo, ela fez o sinal de TCHAU e saiu correndo. O príncipe segurou sua mão e ficou com uma luva, enquanto ela tentava sair correndo.



Os ponteiros do relógio se juntaram, marcando meia-noite. Desesperada, Cinderela correu para a carruagem.

— ESPERE, ESPERE! AQUI ESTÁ A SUA LUVAI! Sinalizou o príncipe.

Sem conseguir alcançá-la, ele viu Cinderela entrar na carruagem, que partiu em disparada.



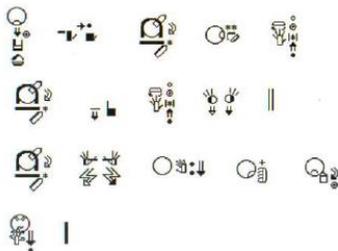
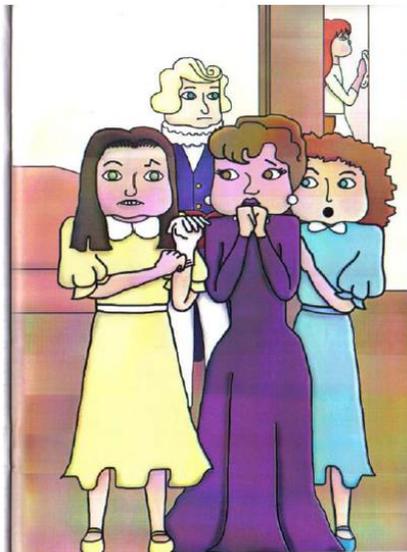


No dia seguinte, o príncipe pediu que todas as casas do reino fossem visitadas, até que a moça surda fosse encontrada! Os empregados do palácio procuraram muito, testando a luva em várias moças. Já estavam cansados, até que bateram à porta da casa de Cinderela.

- Entram, por favor! Aqui temos duas moças surdas! mentiu a madrastra.

As irmãs testaram, mas a luva não serviu.

28



O funcionário percebeu Cinderela na cozinha e perguntou:

- Quem é aquela moça?

- Ela é apenas uma empregada surda! - disse a madrastra.

- Sinto muito, senhora. É ordem do príncipe que todas as moças surdas do reino experimentem a luva. VENHA, MENINA! tocando em seu ombro e sinalizando. Todos ficaram surpresos quando viram a luva entrar, perfeitamente, na mão de Cinderela.

30



Clique para deslizar em torno do documento



O Príncipe e a Cinderela casaram-se e foram felizes por muito tempo.

32



Glossário



34

35